

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

LEONARDO REGO GOMES

BIBLIOTECAS ESCOLARES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Rio de Janeiro

2018

LEONARDO REGO GOMES

BIBLIOTECAS ESCOLARES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior

Rio de Janeiro

2018

Ficha catalográfica

Elaborada pela bibliotecária CRB7 nº6934

G633b Gomes, Leonardo Rego.
Bibliotecas escolares e histórias em quadrinhos / Leonardo Rego Gomes. –
Rio de Janeiro, 2018.
97 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em
Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola
de Biblioteconomia.
Referências: f. 91-95
Inclui apêndice.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Biblioteca Escolar. 3. Educação. 4.
Letramento Informacional. 5. Gibitecas. I. Elias Junior, Alberto Calil.
II. Título.

CDD: 027.8

LEONARDO REGO GOMES

BIBLIOTECAS ESCOLARES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior

Aprovado em: ____ de _____ de ____

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Profa. Ma. Dayanne da Silva Prudencio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Aos meus pais, Denise e Nino, que
sempre me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro por todo o conhecimento adquirido ao longo da minha formação.

Ao meu professor e orientador, Alberto Calil Elias Junior, por acreditar nesta pesquisa e me guiar através dela com tanta atenção e paciência.

Aos meus pais, Denise e Nino, por todo o amor do mundo que alguém pode receber, e ao meu irmão, Guilherme, pela companhia e risadas.

Aos meus avós maternos, Odaléa e Carlos, e à minha avó paterna, Nilda, por terem sido bases essenciais de amor e carinho na minha vida.

Aos meus amigos da Universidade e além dela, Jhonathan Nunes, Wilson Moura, Felipe Rufino e Gustavo Olaio, pela companhia e conversas que mantêm a minha mente afiada.

“As pessoas pensam que dão forma às histórias. Na verdade, é o contrário.

As histórias existem apesar de seus participantes. Se você sabe disso, esse conhecimento é poder”.

-Terry Pratchett

RESUMO

Este trabalho trata das possíveis relações entre as histórias em quadrinhos e as bibliotecas escolares. Utiliza a pesquisa exploratória a fim de realizar uma revisão de literatura pertinente às histórias em quadrinhos, bibliotecas escolares e educação. A coleta de dados se deu em bases como a BRAPCI, SciELO, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, assim como livros e sites pertinentes ao tema explorado. Traça de forma breve a história das histórias em quadrinhos no mundo e, mais especificamente, no Brasil. Apresenta os quadrinhos como instrumentos auxiliares para a educação, podendo ser utilizados por bibliotecários e licenciados em Biblioteconomia para este fim. Analisa a biblioteca escolar como um espaço para a educação e o letramento informacional, e os métodos como as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas no seu contexto. Faz uso de entrevistas realizadas com bibliotecários escolares como forma de apresentar alguns destes métodos postos em prática. Demonstra os meios possíveis para se trabalhar o conceito de gibitecas dentro da biblioteca escolar. Utiliza o método qualitativo para fins de análise. Conclui que as histórias em quadrinhos são uma mídia de relevância equivalente à dos livros, configurando-se como um instrumento para a educação e letramento informacional, com quais podem-se elaborar projetos e atividades a serem desenvolvidas no espaço da biblioteca escolar, e que carece de maiores estudos, atenção e tratamento técnico adequado por parte dos bibliotecários escolares.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Biblioteca Escolar. Educação. Letramento Informacional. Gibitecas.

ABSTRACT

This study concerns with the possible relations between comic books and school libraries. It uses exploratory research to conduct a literature review relevant to comics, school libraries, and education. Data collection took place in databases such as BRAPCI, SciELO, USP Digital Theses and Dissertations Library, as well as books and websites pertinent to the topic explored. It briefly traces the history of comics in the world, and more specifically, in Brazil. It introduces comics as auxiliary instruments for educational purposes, allowing it to be used by certified and licensed librarians for this end. It analyzes the school library as a space for education and information literacy, and the way of how comics can be used in this context. It also makes use of interviews with school librarians as to present some of these methods put into practice. It presents the possible means to work the concept of 'gibitecas' within the school library. The qualitative method was used for analysis purposes. Concludes that comics are a mean of communication as relevant as books, being configured as an instrument for education and information literacy, with which projects and activities can be developed in the school library, and which lacks larger studies, attention and appropriate technical treatment by school librarians.

Keywords: Comic books. School Library. Education. Information Literacy. Gibitecas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Pinturas rupestres encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara, Brasil ...	26
Figura 2: <i>l'Histoire de M. Jabot</i>	27
Figura 3: The Yellow Kid.....	28
Figura 4: Capa da revista Amazing Stories e a primeira aparição de Buck Rogers, 1928	29
Figura 5: Tirinha da primeira aparição de O Fantasma na Sunday Strip, 1939	30
Figura 6: Capa da revista Actions Comics nº 1, a primeira aparição do Superman, 1938	31
Figura 7: Capa da revista Detective Comics nº 27, a primeira aparição do Batman, 1939.....	32
Figura 8: Capa da revista Captain America Comics nº 1, onde o herói aparece pela primeira vez, 1941.....	33
Figura 9: Capa da revista All Star Comics nº 11, onde a Mulher-Maravilha aparece pela primeira vez em destaque, 1942	34
Figura 10: Capa da revista The Fantastic Four nº 1, a primeira aparição do Quarteto Fantástico, 1961.....	35
Figura 11: Capa da revista The X-Men, a primeira aparição do grupo de heróis mutantes, 1963	36
Figura 12: O psiquiatra Fredric Wertham e seu livro Seduction of the Innocent (Sedução dos Inocentes).....	37
Figura 13: Selo de aprovação do Comics Code Authority	38
Figura 14: Primeira edição da revista O Tico-Tico, 1905	39
Figura 15: Suplemento Infantil nº 1, de 1934, e Suplemento Juvenil nº 1.263, de 1942	40
Figura 16: Capa de Seleções Coloridas nº 1, da Editora Ebal, 1946.....	41
Figura 17: Primeira aparição do personagem Bidu, no jornal Folha de S. Paulo, 1959.....	41
Figura 18: Capas das revistas A Turma do Pererê nº 1, 1972, e O Menino Maluquinho nº 1, 1989	42
Figura 19: Selo de aprovação do Código de Ética	43
Figura 20: Capa da primeira edição de O Pasquim, 1969	44
Figura 21: Classificação etária de Hellblazer Origins vol. 4 no Brasil.....	49
Figura 22: Calvin e Haroldo, de Bill Watterson.....	67
Figura 23: Calvin e Haroldo, de Bill Watterson.....	68
Figura 24: Horo, de Fábio Coala.	68
Figura 25: Charge sobre saúde pública e prevenção à dengue.	69
Figura 26: Não Era Você Que Eu Esperava, de Fabien Toulmé. Pílulas Azuis, de Frederik Peeters.....	71
Figura 27: A Diferença Invisível, de Mademoiselle Caroline e Julie Dachez.	72
Figura 28: Cumbe e Angola Janga, de Marcelo D'Saete.	73
Figura 29: Persépolis, de Marjane Satrapi. Uma Estrela na Escuridão, de André Bernardino.74	
Figura 30: Turma da Mônica: Laços, de Vitor e Lu Cafaggi. Chico Bento: Arvorada, de Orlandeli.	75
Figura 31: Explicação da CHQ.....	77
Figura 32: Capa da edição nacional da revista Black Force.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de pesquisadores por temática na busca por Biblioteconomia e quadrinhos	24
Tabela 2: Número de pesquisadores por temática na busca por Ciência da Informação e quadrinhos	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Questões norteadoras da pesquisa e entrevistas	21
Quadro 2: Definições dos formatos de HQs	46
Quadro 3: Classificação de gêneros ficcionais de HQs	78

LISTA DE ABREVIATURAS

CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
HQ	História em Quadrinhos
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
OCLC	<i>Online Computer Library Center</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 JUSTIFICATIVA	16
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos Específicos	17
2 METODOLOGIA	18
2.1 COLETA DE DADOS	18
2.2 UNIVERSO DA PESQUISA E AMOSTRA	22
2.3 ANÁLISE DE DADOS	23
3 REFERENCIAL TEÓRICO	26
3.1 HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	26
3.1.1 História das Histórias em Quadrinhos no Brasil	38
3.2 A DIVERSIDADE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEUS LEITORES	44
3.3 QUADRINHOS E EDUCAÇÃO	53
3.4 BIBLIOTECA ESCOLAR, LETRAMENTO INFORMACIONAL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	60
3.5 GIBITECAS	75
4 RESULTADO DAS ENTREVISTAS	81
4.1 A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA A	81
4.2 A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA B	82
4.2.1 Dinâmica com a HQ Black Force	84
4.2.2 Exposição “O Livro Além das Páginas”	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	95

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos vêm cada vez mais se popularizando e ganhando espaço no imaginário de crianças, jovens e adultos, em grande parte graças às adaptações cinematográficas que trouxeram uma nova visão sobre a forma de se fazer entretenimento multimídia para toda a família. Novas editoras surgem, antigas editoras criam novos selos de publicação e editoras especializadas ganham mais mercado na busca de difundir ainda mais esta mídia e ganhar novos leitores.

A variedade de formatos, estilos, temas e gêneros fazem das histórias em quadrinhos ferramentas versáteis e poderosas, capazes de agradar os mais diversos tipos de leitores de todas as idades. Estas características são largamente utilizadas na área da educação, estando frequentemente presentes em livros didáticos, principalmente na forma de tirinhas, como um meio de trazer ao aluno uma reflexão lúdica sobre o tema abordado e facilitar o processo de apreensão de conteúdo.

Nesse sentido, não há limitações para a utilização das histórias em quadrinhos pelos professores, tanto no contexto da área do conhecimento a ser trabalhada com os alunos, quanto a idade ou ciclo educacional com o qual se está trabalhando.

Temas da atualidade ou de natureza histórica, ética ou científica podem ser discutidos a partir da leitura de uma determinada História em Quadrinhos. A turma de alunos, ao utilizar os quadrinhos como ponto de partida de um debate tem em mãos material para refletir a respeito de ideias e valores. (SANTOS, 2001, p. 49).

Desta forma, considerando o potencial da utilização das histórias em quadrinhos nos processos de ensino-aprendizagem, cabe indagar como se dará o acesso a este material por alunos e professores. Neste momento, então, deve-se refletir sobre a relação da biblioteca e do bibliotecário escolar com as HQs.

A biblioteca escolar é parte essencial do corpo da instituição de ensino, desempenhando um importante e necessário papel educativo através de seu acervo e das relações entre bibliotecário escolar, alunos e professores. Relações estas que precisam estar não somente de acordo com as demandas dos já citados agentes, mas também com o projeto pedagógico da escola e, não bastante, das diversas formas de leitura e de envolvimento com elas, incluindo assim as histórias em quadrinhos em todas as suas variedades.

É necessária uma coleção equilibrada com materiais atuais e relevantes para assegurar o acesso a recursos aos utilizadores de diferentes idades, capacidades, estilos de aprendizagem e contextos. A coleção deve apoiar o

currículo através de recursos de informação, seja em formato físico ou digital. Além disso, a biblioteca escolar deve adquirir materiais para lazer, tais como romances populares ou novelas gráficas, música, jogos de computador, filmes, revistas, banda desenhada e cartazes. Esses recursos devem ser selecionados em cooperação com os alunos para garantir que os materiais refletem os seus interesses e cultura. (IFLA/UNESCO, 2015, p. 10).

Com o mercado de publicações de histórias em quadrinhos em franca expansão, com o aumento da difusão de sua existência através de filmes, séries de televisão, jogos de videogame e tabuleiros, e até mesmo adaptações para livros, surge a questão: quais as possíveis relações entre bibliotecas e bibliotecários escolares com esta mídia, e como o corpo escolar pode se beneficiar disto?

1.1 JUSTIFICATIVA

De modo geral, as histórias em quadrinhos dentro do campo da Biblioteconomia não recebem a mesma atenção e tratamento que os livros, podendo-se dizer que possivelmente sequer são elevadas à mesma importância. Segundo Bari e Vergueiro (2010, p. 5) “as bibliotecas escolares no Brasil estiveram em geral ligadas a fontes tradicionais de informação. O livro impresso nelas reinou e reina de maneira quase absoluta, excluindo outras formas de transmissão de informação e conhecimento [...]”.

Entendendo que as HQs possuem um potencial valor educacional a ser explorado, que conversam com os jovens leitores através de uma linguagem lúdica e atraente, cabe a necessidade de uma investigação de como elas podem ser incorporadas por diversos setores do corpo escolar, sendo a biblioteca o foco desta pesquisa, como forma de propiciar aos alunos novas experiências de leitura, aprendizado e reflexão.

[...] a linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra. (SANTOS, 2001, p. 48).

Considerando os aspectos supracitados, faz-se necessária uma análise detalhada dos possíveis relacionamentos dos bibliotecários escolares com as histórias em quadrinhos, buscando compreender os processos que estão envolvidos na sua inserção ao acervo da biblioteca e suas respectivas finalidades educacionais, como uma forma de otimizar as experiências de ensino-aprendizagem.

1.2 OBJETIVOS

Nesta seção serão apresentados os objetivos gerais e específicos desta pesquisa.

1.2.1 Objetivo Geral

Demonstrar como bibliotecários e bibliotecas escolares podem lidar com as histórias em quadrinhos enquanto instrumento educacional para a comunidade escolar.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Conceituar as histórias em quadrinhos;
- b) Apresentar as histórias em quadrinhos como uma ferramenta para a educação;
- c) Analisar o papel do bibliotecário escolar no processo de inserção das histórias em quadrinhos no acervo da instituição;
- d) Demonstrar de que forma esse processo pode ir de encontro aos objetivos didático-pedagógicos da instituição na qual a biblioteca está inserida;
- e) Justificar a importância da presença das histórias em quadrinhos no cerne das bibliotecas escolares.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é desenvolvida em caráter exploratório, de modo que “visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele” (PRODANOV; FREITAS, 2013).

De maneira a entender em detalhes os possíveis ciclos das histórias em quadrinhos nas bibliotecas escolares, este tipo de pesquisa proporciona uma melhor identificação do que realmente ocorre com estes materiais através dos próprios agentes com eles envolvidos. Para Gil (2008, p. 27):

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Desta forma, será feito o cruzamento das informações levantadas através do referencial teórico e dos resultados das coletas de dados através de entrevista e questionário, de maneira a identificar os fatores que justificam a existência e movimentam as histórias em quadrinhos dentro do ambiente da biblioteca escolar, considerando os elementos e agentes educacionais envolvidos nesse processo, sendo o de maior influência, para fins desta pesquisa, o bibliotecário.

2.1 COLETA DE DADOS

Para compreender melhor o papel dos quadrinhos na educação e suas possíveis relações com as bibliotecas e bibliotecários escolares, inicialmente foi feito o levantamento do referencial teórico na base de dados BRAPCI (Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação) por ser referência na área de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil, para atender a finalidade de abarcar o que vem sendo publicado em questão de artigos sobre este tema nas revistas destas áreas. Foram pesquisadas as seguintes palavras-chave: “quadrinhos”, obtendo 19 resultados compreendendo os anos de 1999 e 2017; “biblioteca escolar” retornando 100 resultados entre 2013 e 2018; “competência informacional”, pois está ligada diretamente aos trabalhos com histórias em quadrinhos nas bibliotecas escolares, tendo retornado 94 resultados entre 2008 e 2018; por fim, “letramento informacional”, com 66 resultados entre 2002 e 2018.

Outra base de dados considerada para a pesquisa da palavra-chave "quadrinhos" foi a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, por esta ser a universidade que sedia o Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pioneiro no que tange a produção acadêmica e eventos relacionados aos quadrinhos. Foram encontrados 46 resultados entre os anos de 2004 e 2017, compreendendo teses de Doutorado, Mestrado e Livre Docência.

O portal www.ofaj.com.br, especializado em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, foi considerado na pesquisa por contar com a coluna "Não Está no Gibi", escrita por Waldomiro Vergueiro, professor titular da Escola de Comunicação e Artes USP, graduado em Biblioteconomia e Documentação pela FESPSP, Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela USP. A coluna conta com 14 artigos sobre histórias em quadrinhos escritos entre 2003 e 2004.

A base SciELO foi utilizada para pesquisas complementares. A pesquisa por resumos de trabalhos brasileiros que contém o termo "quadrinhos" retornou 40 resultados entre 1997 e 2017, sendo apenas 1 localizado pelo filtro da área de "Ciência da Informação e Biblioteconomia".

Também serão utilizados materiais impressos, como os livros "Shazam!" (1977) e "História das Histórias em Quadrinhos" (1993), ambos de Álvaro de Moya (1930 - 2017), professor da USP e um dos maiores pesquisadores de quadrinhos do Brasil, "Histórias em Quadrinhos na Educação" (2017) de Fábio Paiva, Mestre e Doutor em Educação pela UFPE, "A Leitura dos Quadrinhos" (2010) de Paulo Ramos, graduado em Jornalismo pela UMESP, letras pela PUC/SP e Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. "Desvendando os Quadrinhos" (1995) de Scott McCloud, e "Quadrinhos e Arte Sequencial" de Will Eisner (1917 - 2005), ambos renomados quadrinistas americanos, também fizeram parte da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 2008, p. 50).

Pesquisas complementares também foram realizadas através do Google Acadêmico, em sites de conteúdos diversificados sobre histórias em quadrinhos e a revista "História Viva: Super-heróis Contam a História do Século XXI", de modo a preencher pequenas lacunas não contempladas pelos resultados obtidos nas fontes supracitadas.

Estando munido destas informações, foi possível traçar uma linha referencial que permite analisar o que os teóricos que norteiam esta pesquisa, Waldomiro Vergueiro, Álvaro de Moya e Fábio Paiva, discorrem acerca das histórias em quadrinhos na educação, na escola e nas bibliotecas, e buscar através disto revelar as possíveis relações entre estes agentes e elementos, assim como os aspectos benéficos para a comunidade escolar do uso das HQs, de modo a apontar a validade do investimento na aquisição deste material para o acervo, tratamento técnico e utilização adequada dos quadrinhos por bibliotecários, alunos e professores.

As outras técnicas de coleta de dados que nortearão esta pesquisa são a entrevista semiestruturada, como uma maneira de levantar informações *in loco*, tendo sido aplicada ao “bibliotecário A” da biblioteca de uma escola da região central do Município do Estado do Rio de Janeiro, aqui tratada como “biblioteca A”, além de um questionário desenvolvido através do Google Forms respeitando os mesmos tópicos da entrevista, encaminhado para o “bibliotecário B” da biblioteca de uma escola da Baixada Fluminense, região metropolitana do Estado, aqui tratada como “biblioteca B”. Esta segunda modalidade foi necessária devido a impossibilidade de agenda da parte do pesquisador para uma visita e entrevista na biblioteca.

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida de modo a considerar três cenários: as experiências pessoais do bibliotecário com as histórias em quadrinhos e suas opiniões sobre tópicos específicos; alguns aspectos técnicos de tratamento das histórias em quadrinhos na biblioteca; a utilização das histórias em quadrinhos por alunos e professores, e atividades desenvolvidas na biblioteca. Sobre entrevista estruturada, Quaresma (2005, p. 75) diz:

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

Conforme citado anteriormente, o questionário foi desenvolvido respeitando o que foi abordado na entrevista semiestruturada, porém o mesmo foi criado e respondido *on-line*, com foco em perguntas abertas, para abrir as possibilidades de resposta do respondente tendo em vista a ausência de interação entre ambas as partes. A ferramenta escolhida para tal foi o Google Forms, dada sua capacidade de desenvolver pesquisas sem limites de perguntas ou tamanhos de respostas, por permitir a coleta de dados dos participantes como forma de acesso ao documento e podendo ser acessado apenas por aqueles que tenham prévia autorização. O endereço de acesso foi disponibilizado ao participante por e-mail.

O quadro abaixo contém o conjunto de questões que originaram e nortearam não apenas o desenvolvimento desta pesquisa, mas também a entrevista e o questionário encaminhados aos bibliotecários.

Quadro 1: Questões norteadoras da pesquisa e entrevistas

Questões	Objetivo
<ul style="list-style-type: none"> - Lê quadrinhos? Se sim, quais os gêneros ou assuntos? - Qual a sua opinião sobre o valor educativo das histórias em quadrinhos? - Tem ou teve algum quadrinho que considera seu favorito? 	<p>Visão do bibliotecário sobre quadrinhos</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Quantas histórias em quadrinhos constam atualmente no acervo da biblioteca? - De quais agentes vem as solicitações de aquisição de histórias em quadrinhos (professores, alunos, bibliotecário(a)s, outros)? Existe algum gênero ou assunto com maior demanda? - De quais fornecedores são adquiridas as histórias em quadrinhos (editoras, livrarias, doações, outros)? Em caso de doações, como é feita a seleção das histórias em quadrinhos que ficarão disponíveis no acervo? - Existe um sistema de classificação específico para as histórias em quadrinhos? Em caso de haver ou não, qual é o utilizado? - Existe na biblioteca uma seção específica para histórias em quadrinhos? - Quais os gêneros das histórias em quadrinhos presentes no acervo da biblioteca? - As histórias em quadrinhos disponíveis no acervo devem atender exclusivamente ao currículo do colégio? 	<p>Questões técnicas acerca do acervo de quadrinhos da biblioteca</p>

<ul style="list-style-type: none"> - Com que frequência professores fazem empréstimo de histórias em quadrinhos? - Com que frequência alunos fazem empréstimo de histórias em quadrinhos? - As histórias em quadrinhos do acervo da biblioteca são utilizadas em atividades didático-pedagógicas em sala de aula? - A biblioteca desenvolve atividades com histórias em quadrinhos ou relacionadas a elas? Se sim, quais? Elas são feitas em conjunto com os professores? 	<p>Utilização das histórias em quadrinhos do acervo da biblioteca</p>
---	--

Acerca dos questionários, Gil (2008, p. 121) diz que:

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. Assim, a construção de um questionário precisa ser reconhecida como um procedimento técnico cuja elaboração requer uma série de cuidados, tais como: constatação de sua eficácia para verificação dos objetivos; determinação da forma e do conteúdo das questões; quantidade e ordenação das questões; construção das alternativas; apresentação do questionário e pré-teste do questionário.

Acerca das questões, Gil (2008, p. 122) explica que “nas questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas”.

Estando munido destas informações, foi possível traçar um paralelo entre um cenário real onde as bibliotecas se preocupam em ter um acervo de histórias em quadrinhos, compreendendo suas finalidades, e o que diz a literatura especializada sobre a utilização dos mesmos tanto no ambiente da biblioteca quanto no da sala de aula, levantando assim aspectos que validem o investimento na aquisição para o acervo e utilização frequente destas publicações por bibliotecários, alunos e professores.

2.2 UNIVERSO DA PESQUISA E AMOSTRA

O universo da pesquisa é composto pela literatura pertinente aos objetivos da mesma, que tratam das relações entre histórias em quadrinhos, bibliotecas escolares e bibliotecários, assim como HQs e educação, indexada nas bases BRAPCI, Biblioteca Digital de Teses e

Dissertações da USP, SciELO, o portal Ofaj, além das fontes impressas e fontes complementares supracitadas.

A amostra compreende o total dos 57 trabalhos extraídos das fontes citadas, sendo que três autores servem de norteadores na construção do argumento desta pesquisa: Álvaro de Moya, Waldomiro Vergueiro e Fábio Paiva.

A seleção dos trabalhos se deu através de leitura criteriosa e crítica, de modo a definir aqueles que atenderiam especificamente à linha de pensamento aqui proposta, de maneira que possibilitem atender a construção lógica do questionamento que esta pesquisa busca responder por meio do referencial teórico.

Além disso, para os fins da entrevista, a amostra compreende duas bibliotecas de uma rede de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, uma localizada na região central do Município e outra localizada na Baixada Fluminense, região Metropolitana do Estado. Serão parte da pesquisa seus acervos de histórias em quadrinhos, além da entrevista semiestruturada e questionário com os agentes bibliotecários responsáveis por elas.

As bibliotecas destas escolas atendem aos alunos e professores dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), assim como o Ensino Médio regular (1º ao 3º ano).

2.3 ANÁLISE DE DADOS

A técnica de análise a ser aplicada será a qualitativa, através dos dados relevantes levantados pelo referencial teórico, além dos resultados obtidos pela entrevista e pelo questionário, buscando estabelecer uma relação coerente entre bibliotecas escolares, histórias em quadrinhos, sua importância e possíveis utilizações.

Este tipo de análise se dá devido ao fato de que é necessário compreender que cada biblioteca escolar possui uma forma específica de ser gerida e de promover atividades, com acervos variados e que se constroem de forma distintas, não sendo possível então estabelecer um parâmetro de análise que seja generalizável à todas, além também dos poucos resultados obtidos na busca por artigos sobre histórias em quadrinhos na área de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, fazendo-se assim necessário desenvolver um método analítico específico para cumprir com os objetivos desta pesquisa. O quadro a seguir demonstra o número de pesquisadores por temática encontrados via Currículo Lattes ao ser feita a busca por “Biblioteconomia” e “quadrinhos”:

Tabela 1: Número de pesquisadores por temática na busca por Biblioteconomia e quadrinhos

Temáticas	Número pesquisadores
Incentivo à leitura	3
Formação de leitores	2
Leitura (Linguagem/processo)	8
Processamento técnico	5
Estudos de usuários/leitores	1
Fontes de informação	4
Memória	3
Educação	3
Biblioteca pública	1
Cultura	1
Semiótica	1
Gibitecas	2
Mediação	1
Análise do discurso	1
Não explícita	2
Total	39

Fonte: OLIVEIRA; NÓBREGA (2013, p. 4).

Um quadro não muito diferente é encontrado ao se pesquisar pelos termos “Ciência da Informação” e “quadrinhos”:

Tabela 2: Número de pesquisadores por temática na busca por Ciência da Informação e quadrinhos

Temáticas	Número pesquisador
Formação de leitores	1
Leitura (Linguagem/processo)	5
Processamento técnico	3
Estudos de usuários/leitores	1
Fontes de informação	1
Memória	3
Educação	1
Identidade	1
Gibitecas	1
Mediação	1
Análise do discurso	6
Dinamização de coleções	1
Total	25

Fonte: OLIVEIRA; NÓBREGA (2013, p. 5).

Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) a pesquisa qualitativa preocupa-se com “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...]”.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, para Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), ela possui as seguintes características:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Acerca da análise qualitativa, Minayo (2012, p. 626) diz que:

O percurso analítico e sistemático, portanto, tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade. Desta forma, a análise qualitativa de um objeto de investigação concretiza a possibilidade de construção de conhecimento e possui todos os requisitos e instrumentos para ser considerada e valorizada como um construto científico.

Assim sendo, a análise qualitativa se dará através do cenário observado através da entrevista com o bibliotecário A, da visita à biblioteca que gerencia situada na região central do Município do Estado do Rio de Janeiro, do questionário encaminhado ao bibliotecário B, e sobre o que versa a literatura especializada aqui levantada, na busca de entender e traçar as relações possíveis entre biblioteca, bibliotecário escolar e histórias em quadrinhos, através dos elementos teóricos explorados, procurando a fundamentação para mostrá-las como uma realidade possível e palpável, e os benefícios que elas podem trazer aos alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será trabalhado todo o referencial teórico levantado para esta pesquisa, seccionado entre a histórias das histórias em quadrinhos, a diversidade de formatos e leitores de HQs, quadrinhos e educação, biblioteca escolar e letramento informacional e por fim, as gibitecas.

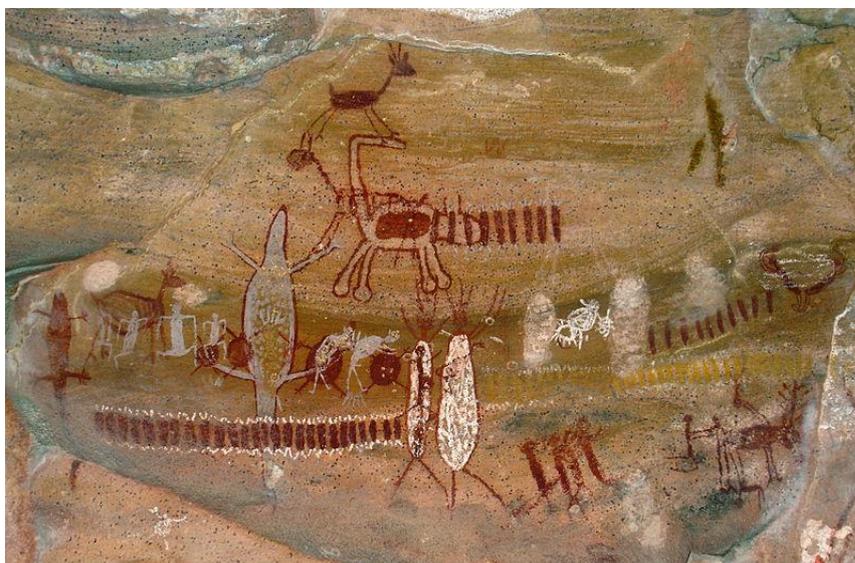
3.1 HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para muitos estudiosos da área, os antepassados das histórias em quadrinhos podem ser encontrados nas artes rupestres gravadas nas rochas das cavernas habitadas pelo homem pré-histórico. Na intenção de narrar suas aventuras, caçadas e acontecimentos importantes de suas rotinas, pintavam ou encrustavam em pedras, de maneira sequencial, elementos como seres humanos e animais interagindo entre si, uma forma primitiva de registrar e contar suas histórias. (VERGUEIRO, 2005; PAIVA, 2017; MOYA, 1977; GAIARSA, 1977).

O mesmo pode ser dito dos hieróglifos, uma forma de escrita utilizada por povos como os egípcios, maias, dentre outros, que se valia de gravuras que também narravam de forma sequencial eventos ou assuntos de interesse das civilizações daquelas épocas.

Os monumentos egípcios, trazidos pelo Império Romano (como a Coluna de Trajano) mostram, como numa história em quadrinhos, tal faraó construindo uma pirâmide para seu túmulo, glorificando seu governo. Tal historieta começa lá em cima e vem, enrolada qual um pergaminho, descendo até o pé. (MOYA, 1977, p. 28).

Figura 1: Pinturas rupestres encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara, Brasil



Fonte: Wikipédia (2018).

De modo a compreender o que de fato são histórias em quadrinhos, muitos foram os autores que buscaram sua definição. Will Eisner (1989) estabeleceu o termo “arte sequencial” na intenção de identifica-las. Já Scott McCloud (1995, p. 9) define as HQs como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”.

Segundo Moya (1993, p. 12), o suíço Rodolphe Töpffer foi o precursor dos quadrinhos. O autor e ilustrador publicou em 1837 o *Annonce de l’Histoire de M. Jabot*, onde explicou sobre o livro que:

[...] Ele se compõe de uma série de desenhos autografados em traço. Cada um destes desenhos é acompanhado de uma ou duas linhas de texto. Os desenhos, sem este texto, teriam um significado obscuro, o texto, sem o desenho, nada significaria. O todo, junto, forma uma espécie de romance, um livro que, falando diretamente aos olhos, se exprime pela representação, não pela narrativa. Aqui, como um conceito fácil, os tratamentos de observação, o cômico, o espírito, residem mais no esboço propriamente dito, do que na ideia que o croquis desenvolve. (TÖPFFER, 1837 apud MOYA, 1993, p. 13).

Ente 1846 e 1847, Töpffer publicou o *Histoires en Estampes*, recebendo até mesmo elogios de Johann Wolfgang von Goethe pela obra.

Moya (1993, p. 16) também cita Wilhem Busch como um dos precursores das histórias em quadrinhos, autor de diversas histórias ilustradas cômicas, tendo a sua mais conhecida publicação, *Max und Moritz*, de 1865, trazida para o Brasil pela editora Melhoramentos e sendo traduzida por Olavo Bilac, ganhando o título de Juca e Chico.

Figura 2: *l’Histoire de M. Jabot*



À parte destes autores, muitos pesquisadores de histórias em quadrinhos consideram que estas, da forma como a conhecemos hoje em dia, tiveram início nos suplementos dominicais em cores do *New York World*, em 1895, na direção de Joseph Pulitzer, sob a figura do personagem que ficou popularmente conhecido como *The Yellow Kid*, que foi criado por Richard Fenton Outcault quando originalmente não possuía nome algum, apenas título *At the Circus Hogan's Alley* (MOYA, 1986, p. 23). A figura de um garoto de camisolão amarelo e maltrapilho conversava diretamente com a camada mais popular da sociedade americana da época. Posteriormente, tendo Outcault se mudado do *New York World* para o *Journal*, de William Randolph Hearst, deu-se início à uma disputa pela popularidade do personagem entre ambos os jornais.

[...] Hearst, mais vivo, colocou o título do povão, *The Yellow Kid*, na sua tira e encorajou Outcault a usar desenhos progressivos na narrativa e introduzir o balãozinho. Sintetizando o que os outros artistas já faziam no jornal colorido de Hearst, Outcault deu forma definitiva e continuada ao fenômeno que outros artistas fizeram no passado, dando assim nascimento aos comics. (MOYA, 1993, p. 23).

Figura 3: *The Yellow Kid*



Fonte: Wikipédia (2018).

A década de 30 trouxe toda uma renovada perspectiva aos quadrinhos nas páginas das revistas popularmente conhecidas como *pulps*, feitas de papel de baixa qualidade a partir da polpa de celulose. O lançamento de *Buck Rogers*, escrito por Philip Nowlan e desenhado por Dick Calkins, de forma simultânea com *Tarzan*, desenhado por Hal Foster, ambos em 1928, e

posteriormente Dick Tracy, criado por Chester Gould em 1931, todos contemporâneos à Lei Seca americana e o crescimento das gangues de mafiosos, abriram espaço para um movimento que, segundo Moya (1977, p. 42), era o “fim do raciocínio, o início da ação”. Um novo conceito de heróis surgia junto com uma nova era para os quadrinhos.

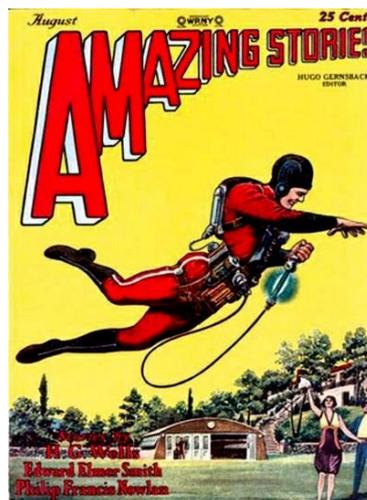
Essas três criações de sucesso, Tarzan, Rogers e Tracy, produziram uma reviravolta na história dos quadrinhos, iniciando a chamada *Golden age* (era dourada) dos comics.

[...]

Era em que surgiram alguns dos mais importantes personagens dos quadrinhos, motivo da ideia de massificação e visão cosmopolita dos heróis e sua mitologia, suas figuras fetichistas em ícones gráficos. (MOYA, 1977, p. 43).

Neste período surgiram grandes protagonistas das histórias em quadrinhos, lembrados e reinterpretados até os dias atuais e em diversas mídias, como cinema e televisão. São exemplos os personagens Flash Gordon e Jim das Selvas, criados em 1934 por Alex Raymond; Mandrake, criado em 1934 por Lee Falk e Phil Davis; O Fantasma, criado em 1936 também por Lee Falk – e que popularizou a máscara, que mais tarde viria a ser adereço comum ao mundo dos super-heróis -; Betty Boop, criada em 1931 por Max Fleischer, dentre muitos outros.

Figura 4: Capa da revista *Amazing Stories* e a primeira aparição de Buck Rogers, 1928



Fonte: Wikipédia (2018).

Figura 5: Tirinha da primeira aparição de O Fantasma na *Sunday Strip*, 1939

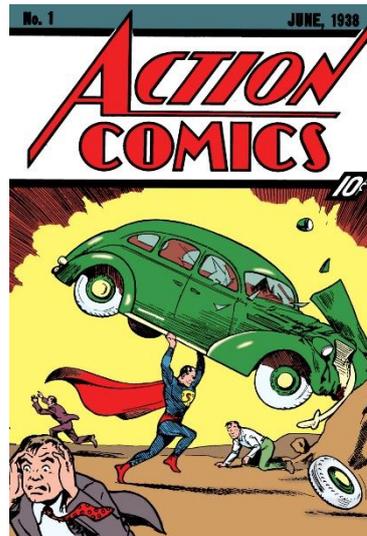


Fonte: Wikipédia (2018).

Estes foram os heróis que, mais à frente, serviriam de inspiração para uma nova onda de personagens nunca antes vistos: os super-heróis.

Em 1938 dá-se a chegada daquele que é considerado o primeiro super-herói da história dos quadrinhos. Superman, alter ego do jornalista Clark Kent, criado por Jerry Siegel e Joe Shuster, surge nas páginas da revista *Actions Comics* nº 1, aprovada por Jacob S. Liebowitz, editor e co-proprietário da *National Allied Publications*, que mais tarde viria a se tornar a atual *DC Comics*.

Figura 6: Capa da revista Actions Comics nº 1, a primeira aparição do Superman, 1938



Fonte: *DC Database* (2018).

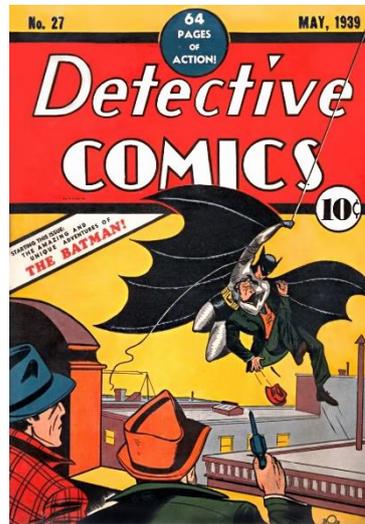
Superman, como um fruto das histórias de ficção científica *pulps*, surge em uma realidade que ainda sofre as consequências da Grande Depressão norte americana de 1929, onde os cidadãos colhem os resultados do *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt entre 1933 e 1937 ainda que a plena recuperação econômica se mostre um complicado desafio, e as crescentes crises internacionais colocam às portas do mundo os prenúncios da Segunda Guerra Mundial. O alienígena de Krypton traz consigo, além dos sonhos de seus criadores, um pequeno e agradável momento de escapismo em uma realidade dura.

O Super-Homem se vale de certas referências coletivas americanas para seduzir os leitores: o culto ao indivíduo, o gosto pela ação, a valorização do campo e de seus valores em detrimento da cidade, local de todos os perigos, a visão maniqueísta do mundo e ainda a alusão aos vigilantes, os justiceiros que encarnavam a lei nos primeiros tempos da conquista do Oeste. O super-herói faz sucesso porque reflete também as preocupações do momento, quando parecia existir a necessidade de figuras heroicas para vencer os desafios de um período de grandes dificuldades [...]. (HARTER, 2014, p. 19).

O que se deu em seguida foi um verdadeiro boom criativo na indústria dos quadrinhos. Bat-man surge nas páginas da *Detective Comics* em 1939 - perdendo o hífen em seu nome poucos meses depois - sem poderes, da mesma forma que sua verdadeira personalidade, o rico Bruce Wayne, mas ainda assim com habilidades extraordinárias, remetendo aos clássicos heróis *noir* e tendo uma parcela de sua inspiração no personagem Zorro. Em uma realidade onde os crimes de rua crescem em decorrência da violência ocasionada pelas

gangues e cartéis de mafiosos, um vigilante mascarado nascido nas páginas de uma revista encarna a luta contra os mal-feitores da vida cotidiana. (GABILLIET, 2014, p. 27).

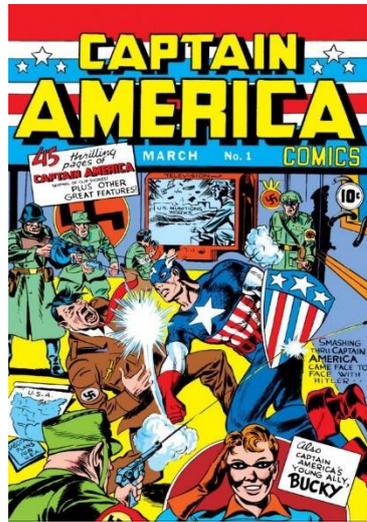
Figura 7: Capa da revista *Detective Comics* nº 27, a primeira aparição do Batman, 1939



Fonte: *DC Database* (2018).

Capitão América, criado em 1941 por dois judeus americanos, Joe Simon e Jack Kirby, leva os quadrinhos à Segunda Guerra Mundial. Os anseios trazidos pelos conflitos na Europa influenciaram na criação de um super-herói que pudesse fazer frente a Hitler em pessoa. Carregando as cores da bandeira norte-americana, Steve Rogers surge com seu escudo nas capas de suas revistas destruindo soldados nazistas, orientais e esmurrando o próprio *Führer* no rosto. (BATTAGGION, 2014, p. 23)

Figura 8: Capa da revista Captain America Comics nº 1, onde o herói aparece pela primeira vez, 1941



Fonte: *Marvel Database* (2018).

Mulher-maravilha traz um destaque nunca antes visto às super-heroínas. Criada também em 1941, surge nas páginas da *All Star Comics* nº 8, pelas mesmas mãos do criador do polígrafo, William Moulton Marston. Ela representa não apenas um momento onde as mulheres, em decorrência da ida dos homens à guerra, viviam um momento de maior emancipação, assumindo mais papéis em uma sociedade essencialmente patriarcal, mas também refletia a vida de seu criador e de suas duas esposas.

A história do criador da heroína, William Moulton Marston, é tão interessante quanto a dela: psicólogo, ele ajudou a criar o detector de mentiras, defendia a igualdade de gêneros e era liberal em relação ao sexo – inclusive, vivia um relacionamento poliamoroso com sua esposa, Elizabeth, e uma outra mulher chamada Olive Byrne, que vivia usando umas pulseiras metálicas (tudo isso nos conservadoríssimos anos 40). (D'ANGELO, 2016, não paginado).

Figura 9: Capa da revista *All Star Comics* nº 11, onde a Mulher-Maravilha aparece pela primeira vez em destaque, 1942



Fonte: *DC Database* (2018).

É inegável que os super-heróis são frutos diretos de suas épocas. Em 1962, criado por Stan Lee e Jack Kirby, surge Bruce Banner, ou o Incrível Hulk, vítima de experimentos em laboratório com raios gama, trazendo à tona a preocupação decorrente dos testes nucleares. Segundo Veille (2014, p. 33) “de 1945 a 1962, cerca de 450 testes nucleares atmosféricos foram efetuados pelos Estados Unidos, a União Soviética, a França e a Grã-Bretanha, dos quais mais da metade entre 1961 e 1962 [...]”. Outros heróis, como o Quarteto Fantástico, de 1961, Homem-Aranha, de 1963, e Demolidor, de 1964, também foram vítimas da radioatividade: os primeiros de radiação cósmica, o segundo por uma aranha radioativa e o terceiro de um acidente com produtos radioativos.

Tony Stark, ou Homem de Ferro, um playboy americano criado por Stan Lee, Jack Kirby - posteriormente substituído por Don Heck - em 1963, trouxe à tona o poder capital dos Estados Unidos, assim como mostrava seu poder tecnológico e bélico através de sua armadura super avançada, em combates que ocorriam sob o clima da Guerra Fria. (KAUFFER, 2014, p. 36).

Figura 10: Capa da revista *The Fantastic Four* nº 1, a primeira aparição do Quarteto Fantástico, 1961



Fonte: *Marvel Database* (2018).

Os *X-Men*, também criados por Stan Lee e Jack Kirby em 1963, se arriscavam em um terreno ainda desconhecido pela maioria das pessoas, incluindo o próprio Stan Lee, e que ainda se encontrava dando os primeiros passos rumo ao progresso: a genética. Além deste elemento, os Estados Unidos viviam um momento de agitação no tocante aos debates sobre o racismo e os direitos humanos, onde dois nomes se destacavam: Martin Luther King e Malcolm X. Os *X-Men* em muitos aspectos refletem essa questão: o preconceito e o debate entre ideias. (GIOL, 2014, p. 44).

Nesse caldeirão de emoções, Stan Lee concebeu os *X-Men*. A ideia de criar seres mutantes superpoderosos surgiu simplesmente porque o quadrinista e editor da Marvel estava sem novas ideias para criar super-heróis. Mas, ao mesmo tempo, isso dava uma grande oportunidade: conceber uma raça nova, o homo superior, que poderia ser uma alegoria para àquele debate dos anos 60 sem precisar entrar nessa história de “cor de pele”. “Eu queria que eles fossem diversificados. Todo o princípio fundamental dos *X-Men* foi tentar ser uma história anti-preconceito para mostrar que há o bom em qualquer pessoa”, explicou Stan Lee em um evento no ano passado. (FRADE, 2014, não paginado).

Figura 11: Capa da revista *The X-Men*, a primeira aparição do grupo de heróis mutantes, 1963



Fonte: *Marvel Database* (2018).

Porém nem sempre as histórias em quadrinhos foram vistas com bons olhos. Fredric Wertham, ou Friedrich Ignatz Wertheimer, psiquiatra alemão especialista em delinquência juvenil, publicou em 1954 o livro *Sedução dos Inocentes* (*Seduction of the Innocent*), o que pode ser considerado o Martelo das Bruxas dos quadrinhos, pois foi justamente isso o que aconteceu, uma verdadeira inquisição no mundo dos quadrinhos.

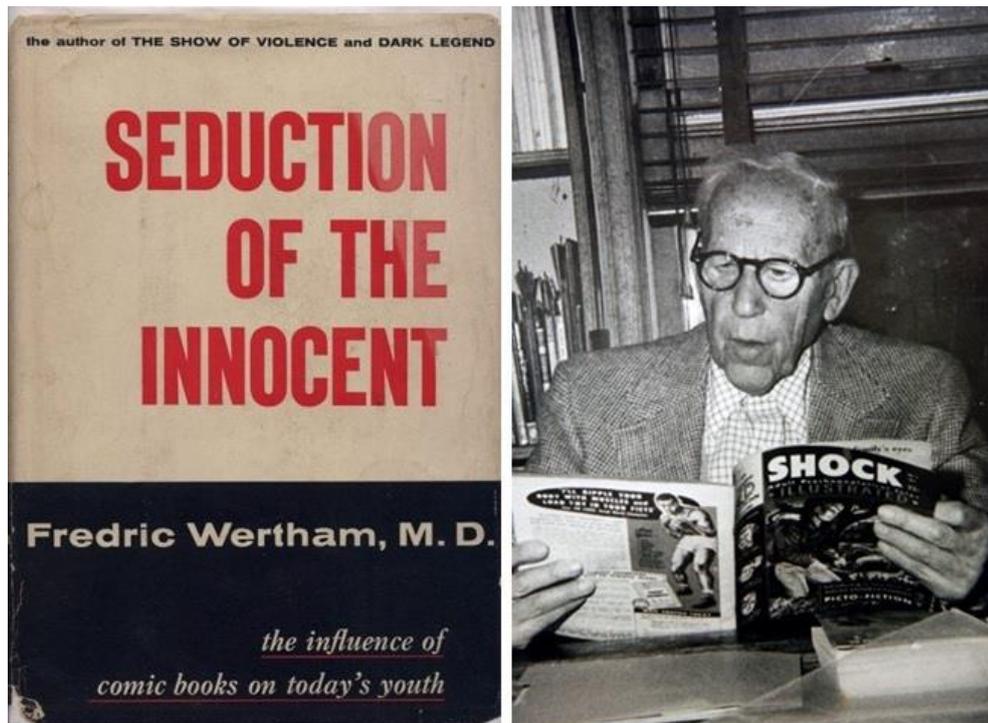
Naquele período já haviam diversos críticos das histórias em quadrinhos relacionando a mídia ao mal comportamento dos jovens, o que fez com que muitos pais se alarmassem e passassem a prestar mais atenção ao que seus filhos andavam lendo. Porém o lançamento deste livro trouxe uma reviravolta na forma com que esta perseguição, até então tímida, estava ocorrendo. Em seu trabalho, Wertham sugere relações entre a realidade e a ficção, alegando que seus pacientes delinquentes em algum momento de suas vidas já haviam sido leitores de histórias em quadrinhos e, além de acusá-las de incentivar a violência, também as acusava de influenciar no comportamento sexual de seus leitores.

[...] Wertham pressionou por uma proibição da compra das revistas pelos menores de 16 anos. Para seu autor, esse livro foi também uma tribuna onde ele advertiu contra a homossexualidade evidente de Batman e Robin, contra as inclinações lésbicas da Mulher-Maravilha e os atributos típicos da SS nazista do Super-Homem [...]. (DONZELLI, 2014, p. 57).

Prontamente estas e outras acusações acenderam o alerta vermelho de uma sociedade conservadora. Canais de televisão e rádio advertiam sobre os perigos dos quadrinhos, que chegaram a ser, literalmente, queimados em praça pública.

[...] levantou-se uma onda de protestos dos famigerados representantes do país, professores, da família unida, do casamento (tão desprestigiado nos quadrinhos), das Filhas da Revolução – *Daughters of Revolution* – das Marchadeiras, da religião, dos verdadeiros Capitães e Coronéis. Da castidade sexual, da América, do patriotismo, do conformismo, da escola, da velhice, do reacionarismo, do “no-meu-tempo-não-era-assim”, do passado, tudo isso e mais alguma coisa, em fúria contra o mundo dos quadrinhos. (MOYA, 1977, p. 72).

Figura 12: O psiquiatra Fredric Wertham e seu livro *Seduction of the Innocent* (Sedução dos Inocentes)



Fonte: Google Imagens, 2018.

Como uma forma de manter viva a indústria dos quadrinhos e acalmarem os ânimos da sociedade, ainda em 1954 os editores trataram de se organizar e criar o próprio código de ética, o *Comics Code Authority*, como uma forma de controlar e restringir o conteúdo de seus materiais, mostrar um esforço em agradar as exigências do conservadorismo e ainda conseguir se manter no mercado.

[...] As HQs que se mantiveram eram submetidas ao severo código e recebidas com todo preconceito gerado. Destas, a maioria ficou destinada às crianças. Contraditoriamente, a desconfiança e o medo de que os quadrinhos tivessem influência negativa na formação das crianças, fazia com que a única leitura aceitável fosse “infantilizada”, a mais “inocente” possível e, na visão dos censores e dos autores, incapaz de influenciar. Daí a produção ser

voltada para o público infantil. (MAZUR; DANNER, 2014 apud PAIVA, 2017, p. 44).

O código incluía normas que atualmente seriam inconcebíveis, tais como “nenhuma revista em quadrinhos deve usar as palavras "horror" ou "terror" em seu título”, “em todos os casos, o bem triunfará sobre o mal e o criminoso será castigado por seus erros” ou “cenas que lidem com, ou instrumentos associados a mortos-vivos, tortura, vampiros e vampirismo, ghouls, canibalismo e lobisomens são proibidos”.

Figura 13: Selo de aprovação do *Comics Code Authority*



Fonte: Universo HQ, 2015.

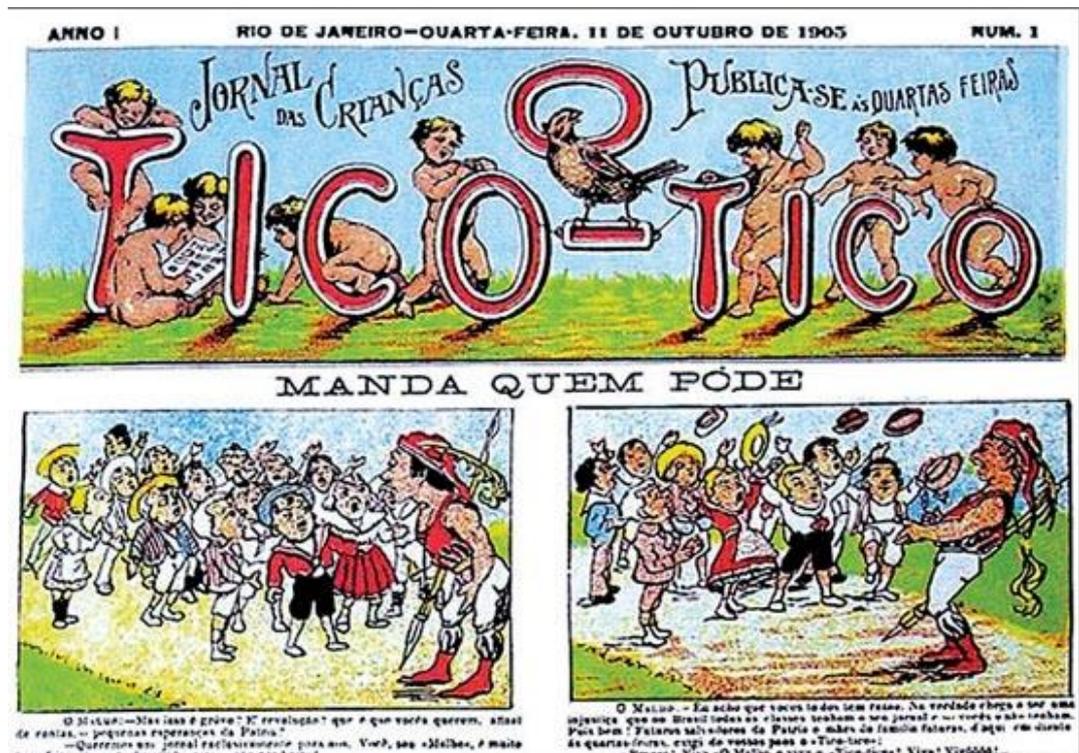
Conforme os quadrinhos foram readquirindo sua popularidade e seus personagens e histórias mais uma vez se reinventavam, o código foi perdendo a sua força, e não há muito tempo, em 2001, a Marvel Comics anunciou oficialmente que não submeteria mais ao código, e a DC Comics fez o mesmo em 2011, de modo que ambas estabeleceram seus próprios códigos internos.

3.1.1 História das Histórias em Quadrinhos no Brasil

No Brasil, os quadrinhos têm como seu precursor o italiano Angelo Agostini, que veio para o país em 1859 aos dezesseis anos, estabelecendo-se em São Paulo e dando início à sua carreira em 1864 na revista Diabo Coxo. Em 1869, no Rio de Janeiro, criou na revista Vida Fluminense o que viria a ser considerada a primeira história em quadrinhos brasileira, As Aventuras de Nhô Quim, ou Impressões de uma Viagem à Corte, que narra a vida de um caipira que se muda para o Rio de Janeiro. Entre 1895 e 1898 trabalhou na revista Dom

Quixote, e posteriormente na editora O Malho editando a revista infantil O Tico-Tico, reconhecida como a primeira revista brasileira a publicar histórias em quadrinhos, sendo uma de suas mais populares a do personagem Chiquinho, uma cópia não autorizada de Buster Brown, de Richard Fenton Outcault. A primeira aparição do Mickey Mouse também se deu nesta revista, em 1930, com o título de O Ratinho Curioso, Gato Félix também teve sua estreia no Brasil através dela. (MOYA, 1968, p. 20; PAIVA, 2017, p. 47).

Figura 14: Primeira edição da revista O Tico-Tico, 1905



Fonte: Folha de S. Paulo (2011).

Em 1934 surge o Suplemento Infantil, posteriormente chamado de Suplemento Juvenil, inaugurando um modelo de materiais infantis junto aos jornais. Este suplemento trouxe ao país, personagens como Flash Gordon, Mandrake, Tarzan, Dick Tracy, Príncipe Valente, entre outros (MOYA, 1977, p. 202). Em seguida, é lançado O Globo Juvenil, em 1937, e que, segundo Moya (1977, p. 204) “[...] era em tudo uma imitação do Suplemento. Talvez isso se justifique ao observar que este igualmente trazia histórias do Mandrake, Flash Gordon, Príncipe Valente, entre outros. Não parou por aí. Desta aparente “disputa” surge a revista que cunharia o termo que futuramente seria usado como referência para histórias em quadrinhos no Brasil.

O Suplemento lançou outra revista, publicada às quartas, sextas e domingos, em tamanho meio-tablóide, *Mirim*, no que foi também imitado pelo Globo, editando *Gibi*, que passou a ser posteriormente *Gibi Mensal* com historietas completas tipo *comic books* com o Capitão Marvel, Príncipe Submarino, Tocha Humana. Daí se originou no Brasil o termo *gibi* para designar qualquer revista em quadrinhos. (MOYA, 1977, p. 206).

Figura 15: Suplemento Infantil nº 1, de 1934, e Suplemento Juvenil nº 1.263, de 1942

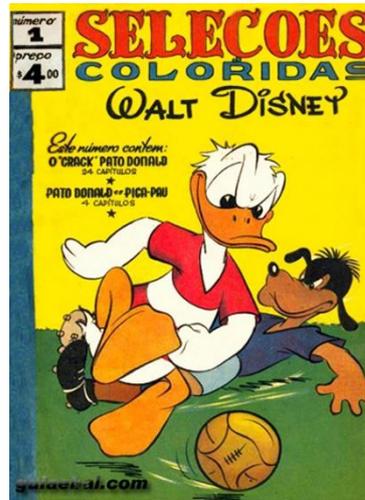


Fonte: Universo HQ (2014) / Google Imagens (2018).

Em 1945 é criada a EBAL, ou Editora Brasil-América Ltda., pelas mesmas mãos que criaram o Suplemento Juvenil, Adolfo Aizen. A revista pode ser considerada um marco na publicação de histórias em quadrinhos no Brasil, trazendo de forma constante e seriada personagens de sucesso. (MOYA, 1977, p. 210).

[...] Viria a publicar materiais da Disney, a revista *Herói*, uma coletânea de quadrinhos de sucesso nos EUA, entre outras. Contudo, a EBAL fez sucesso nunca antes visto com a publicação da revista do Superman, em 1947. A revista republicava histórias do Batman e de outros personagens da DC Comics, além do personagem título. A revista do Superman foi publicada pela EBAL durante as quatro décadas seguintes (até 1983) [...]. (PAIVA, 2017, p. 49).

Figura 16: Capa de Seleções Coloridas nº 1, da Editora Ebal, 1946



Fonte: Guia Ebal (2018).

Em 1959 Maurício de Souza entra para o mundo dos quadrinhos com as tirinhas de jornal do personagem Bidu, onde outro personagem famoso, Cebolinha, surge em 1960 como integrante secundário. Em 1970 lança pela editora Abril a revista da personagem Mônica, seguida dos seus demais personagens, e se mudou para a editora Globo em 1986, dando seguimento em suas criações de sucesso, reconhecidas e populares até os dias de hoje.

Figura 17: Primeira aparição do personagem Bidu, no jornal Folha de S. Paulo, 1959



Fonte: Google Imagens (2018).

Em 1960, Ziraldo cria A Turma do Pererê, sendo publicada pela editora O Cruzeiro. Em 1980 nasce o seu personagem mais conhecido, O Menino Maluquinho, publicado pela editora Globo, “[...] transformado em diversas formas de apresentação, incluindo peça de teatro, um filme live action e até uma ópera” (PAIVA, 2017, p. 53).

Figura 18: Capas das revistas A Turma do Pererê nº 1, 1972, e O Menino Maluquinho nº 1, 1989



Fonte: Guia dos Quadrinhos (2007).

Assim como no mercado internacional, foram diversos os suplementos, revistas e editoras que trouxeram as histórias em quadrinhos ao Brasil e incentivaram a produção nacional, revelando grandes nomes da área. Da mesma forma que situações favoráveis à produção e divulgação das HQs foram trazidas para cá, outras menos favoráveis também refletiram no mercado nacional. Durante a década de 60, surge o Código de Ética dos Quadrinhos brasileiro.

O Código de Ética dos Quadrinhos foi elaborado por um grupo de editores que reunia a Editora Gráfica O Cruzeiro, EBAL, Rio Gráfica e Editora RGE (futura Editora Globo) e Editora Abril, portanto as principais e maiores publicadoras de HQs do país. (SILVA, 1976, p. 102 apud PAIVA, 2017, p. 51).

Porém, a aplicação deste código se dava de forma diferenciada, pois, segundo Paiva (2017, p. 52) “se levarmos em conta que a maioria das HQs produzidas no país no período é

de material importado, cabia mais aos editores selecionar as histórias que não ofenderiam seu código.

O código, assim como seu “pai” americano, possuía algumas normas que nos dias atuais seriam igualmente impensáveis, tais como “não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis”, “a gíria e as frases de uso popular devem ser usadas com moderação, preferindo-se sempre que possível a boa linguagem” ou “a menção dos defeitos físicos e das deformidades deverá ser evitada”.

Figura 19: Selo de aprovação do Código de Ética



Fonte: Universo HQ (2015).

Vale citar a criação do semanário O Pasquim, criado em 1968 pelo cartunista Jaguar e os jornalistas Sérgio Cabral e Tarso de Castro.

O Pasquim foi criado em um dos momentos mais violentos do país, em que a censura e as dificuldades para se produzir material gráfico eram enormes, pois o Brasil vivia um governo ditatorial de controle dos meios de comunicação e de perseguição àqueles que se posicionassem contrários ou mesmo que apresentassem material entendido como ofensivo às regras do governo. Esse período se iniciou em 1964, e o lançamento da revista foi em 1968, justamente com o propósito de ser um semanário de oposição à ditadura. Funcionou muito bem. Prova disso foi que, no período de sua primeira versão (1968 a 1991), praticamente todos os seus colaboradores foram ao menos uma vez presos por “contrariar o sistema” [...]. (PAIVA, 2017, p. 57).

Figura 20: Capa da primeira edição de O Pasquim, 1969



Fonte: Memorial da Democracia (2017).

A história das histórias em quadrinhos nunca foi um mar de tranquilidades. Sempre acompanhando os eventos de nossa realidade, elas expressam questões atuais e pertinentes aos eventos de nosso mundo, sendo um espelho lúdico daquilo que somos e fazemos. Atemporais, os quadros que nos narram pequenos e grandes contos seguem, hoje de forma mais frutífera do que nunca, registrando em traços e cores, em folhas de papel ou na tela de um computador, os rumos da humanidade, através de máscaras e capas ou de simples pessoas comuns.

3.2 A DIVERSIDADE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEUS LEITORES

Compreender melhor a diversidade de formatos, tipologias e gêneros das histórias em quadrinhos se torna fator essencial para os bibliotecários que desejam trabalhar com este material. Sendo uma mídia secular, ao longo do tempo não faltaram reinvenções e inovações, expandindo enormemente o leque de publicações possíveis que envolvem as HQs.

Sendo a biblioteca escolar um ambiente que busca a diversidade de seu material na intenção de atender a pluralidade de seu público, a iniciativa do bibliotecário em entender o universo das histórias em quadrinhos é também a iniciativa de selecionar aquele conteúdo que melhor se adequa não apenas aos alunos, mas também aos professores, oferecendo um gama opções que terão um grande potencial didático-pedagógico, indo além da leitura de lazer.

Quanto maior e mais variada for a oferta do acervo de histórias em quadrinhos de uma biblioteca, maiores são as chances de conquistar aquele aluno que ainda não se afeiçãoou a leitura e de cativar ainda mais e expandir os horizontes daqueles já afeiçãoados, possibilitando que ela seja um espaço de constantes novas descobertas, dado o crescente número de publicações de no mercado nacional.

Atualmente vivemos em um dos melhores momentos para aproximar os jovens da leitura, pois um nicho que está rendendo bilhões de dólares mundialmente são as adaptações cinematográficas das histórias de super-heróis e outras que muitos sequer têm o conhecimento que nasceram nos quadrinhos, como o filme *Persépolis*, originado de uma publicação homônima de Marjane Satrapi. Estas histórias, que estão levando milhões de pessoas aos cinemas, são as mesmas - ou ao menos contém os mesmos personagens - que habitam as páginas dos quadrinhos.

É preciso compreender que ao falar de histórias em quadrinhos estamos também falando da chamada “cultura pop”, que permeia cada vez mais o cotidiano de jovens e adultos, seja através de filmes, músicas, livros, internet etc. Não diferente destes meios, os quadrinhos estão cada vez mais incorporando elementos e questões da realidade cotidiana na intenção de proporcionar maior familiaridade com o leitor. Sendo assim, se atualizar sobre os assuntos que estão sendo debatidos nos corredores das escolas, nos grupos das mídias digitais, na televisão, nos jornais, também é se atualizar dos temas que as HQs poderão abordar ou já abordaram. Ainda que possa não parecer, diante tantos formatos e conteúdos, é necessária uma boa bagagem de conhecimento antes de disponibilizar um quadrinho na estante de uma biblioteca.

Segundo Ramos (2009, p. 21) “podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos”. Considerando este guarda-chuva, é preciso se ter uma noção básica dos principais formatos que estão comumente mais presentes no mercado brasileiro de publicação de quadrinhos, de modo que seja possível identificar e melhor selecionar os assim chamados “modos de produção” mais adequados para a biblioteca escolar e o público em questão. No quadro abaixo estão elencados alguns destes modos:

Quadro 2: Definições dos formatos de HQs

Formato	Definição
Cartum	“Não estar vinculado a um fato do noticiário é a principal diferença entre a charge e o cartum. No mais, são muito parecidos [...]” (RAMOS, 2009, p. 23)
Charge	“A charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual”. (RAMOS, 2009, p. 21)
Encadernados	“[...] fisicamente, estão muito mais próximos dos livros infantis do que dos gibis. Diferentemente destes últimos, no entanto, não têm periodicidade, sendo publicados em edições únicas, que trazem histórias em geral fechadas em si mesmas, sem um compromisso declarado com a continuidade (embora, algumas vezes, ocorra que o sucesso de um personagem leve a seu aparecimento em álbuns posteriores) [...]” (VERGUEIRO, 2005)
Gibi	“[...] publicações periódicas disponíveis em uma grande diversidade de títulos e temáticas, são encontrados com facilidade em qualquer banca de jornal. Os mais conhecidos são aqueles publicados no formato 13,5 X 19 cm. Normalmente destinados ao público infantil e juvenil, são baratos, feitos em papel frágil e de pouca durabilidade,

	<p>representando o clássico produto para consumo de massa; no entanto, também existem gibis no formato conhecido como americano, por ser o tamanho em que são publicados os "<i>comic books</i>" nos Estados Unidos e diversos outros países. A periodicidade dessas revistas pode variar, sendo mais comum a mensal [...]". (VERGUEIRO, 2005)</p>
<p><i>Graphic Novel</i></p>	<p>“A fórmula básica das <i>graphic novels</i>, maxi e minissérie constitui-se na busca de um tratamento diferenciado para um ou mais personagens familiares aos leitores, explorando-os em edições fechadas que se diferenciam daquele tratamento dado a eles nos meios tradicionais. Isto envolve tanto um maior aprimoramento gráfico, com publicações em formato diverso e papel de melhor qualidade, como temático, envolvendo produções mais elaboradas em termos de roteiro e arte, muitas vezes com a presença de artistas especialmente convidados [...]”. (VERGUEIRO, 2005)</p>
<p>Mangá</p>	<p>“Os mangás representam um fenômeno de comunicação de massa atingindo tiragens milionárias em seu país de origem. De desconhecida no mundo ocidental, a Cultura Pop Japonesa, passa hoje em dia, a fazer parte do cotidiano dos jovens do mundo inteiro. O Brasil, tendo a maior colônia nipônica fora do Japão, já tinha a tradição de ler estas</p>

	<p>revistas japonesas através de seus imigrantes tornando-se pioneiro não só na leitura como na produção de mangá fora do Japão desde a década de 1960”. (LUYTEN, 2014, p. 1)</p>
<p>Quadrinhos digitais (<i>webcomics</i>)</p>	<p>“As HQs produzidas e veiculadas diretamente na internet, por meio de blogs e sites, ganharam muito destaque não só pela qualidade das novas produções, mas também pela capacidade de inovação da linguagem dos quadrinhos, plenamente integrada à realidade da hipermídia. Mais do que contar uma história em capítulos, as webcomics têm conseguido fazer de novas propostas um sucesso de público e até editorial, mesclando a arte sequencial com recursos de animação, áudio e vídeo”. (CARDOSO; DOMINGOS, 2016, p. 129)</p>
<p>Tiras</p>	<p>“[...] a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias” (RAMOS, 2009, p. 16). A tira cômica é a que predomina nos jornais brasileiros – e também nos da maioria dos países”. (op. cit., p. 24)</p>

Considerando os diversos modos de se produzir histórias em quadrinhos, torna-se evidente a riqueza de formatos disponíveis para se disponibilizar em uma biblioteca escolar, o que possibilita mais alternativas não somente para o público leitor em busca de entretenimento, mas também para professores que desejam trabalhar de diferentes formas os variados assuntos abordados nestes materiais.

Ainda no contexto das riquezas dos universos dos quadrinhos, é necessário levar em conta que em pouco eles se diferem dos livros quando o assunto é variedade de temas abordados. Neste sentido, da mesma forma que o bibliotecário se preocupa com o conteúdo dos livros que ele irá colocar a dispor de alunos e professores, é preciso ter o mesmo tipo de atenção com as HQs.

É comum que por conta de uma generalização cultivada ao longo das décadas, alguns podem entender que histórias em quadrinhos são “coisas de crianças”, de “super-heróis”, logo, não podem oferecer grandes problemas em relação ao conteúdo. Porém, está equivocado quem pensa desta forma, pois não é incomum encontrar classificação indicativa em alguns quadrinhos e mangás. *Hellblazer*, por exemplo, é uma publicação do selo Vertigo, linha adulta de histórias em quadrinhos da editora DC Comics, e na versão nacional pela editora Panini é possível verificar no verso de sua revista a indicação “desaconselhável para menores de 18 anos”. Um bibliotecário desatento à essa questão, pode levar em consideração a adaptação cinematográfica homônima de 2005, não recomendada para menores de 14 anos, que é facilmente transmitida em horários populares e que atrai a atenção dos jovens, ou mesmo a série cancelada de 2015, igualmente homônima e de classificação livre e, assim, entender as histórias em quadrinhos do personagem da mesma forma. Este é um caso onde esta informação está disponível de maneira visível, mas nem sempre será desta forma e muitas revistas não terão tal indicação, mostrando que, do mesmo modo que com os livros, será necessário ter um conhecimento sobre o material ali disponibilizado, e no caso da impossibilidade de realizar uma leitura completa do conteúdo, a internet pode ser uma grande aliada na hora de buscar dados sobre ele.

Figura 21: Classificação etária de *Hellblazer* Origens vol. 4 no Brasil



Fonte: Editora Panini Comics (2017).

Isso não é um sinal de que estes materiais não devam estar presentes no acervo da biblioteca, pois a mera indicação etária não explicita exatamente o conteúdo, mas é sim um sinal de que merecem uma atenção maior por parte do bibliotecário escolar, identificando se, apesar da indicação, o conteúdo pode ser disponibilizado e trabalhado com determinado seguimento de alunos e cuidando para que o público correto faça sua leitura local ou empréstimo.

Entender a diversidade dos gêneros das histórias em quadrinhos faz com que esta seção do acervo da biblioteca se torne mais rica e adequada ao público consulente. Vergueiro (1998 apud Silva e Autran, 2007, p. 5) listam alguns deles:

- a) **Histórias infantis** – a maioria da produção quadrinista encontra-se nessa classe. No Brasil, merece destaque as histórias de Maurício de Sousa e seus personagens, Chico Bento, Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão. Além de Maurício, destaca-se Ziraldo com o Menino Maluquinho. Em nível mundial temos os personagens de Walter Disney, os quais, todos fazem sucesso. Alguns personagens desta categoria fazem sucesso pela sua contribuição na história das HQ, dentre eles Mafalda, Peanuts e Pogo. Estes personagens tornam-se complexos, pois podem pertencer a outras classes também, em razão de relatar histórias que dizem respeito ao mundo adulto;
- b) **Super Heróis** – apresenta personagens de fama mundial, como o Superman (primeiro herói das histórias em quadrinhos), o Batman, Homem Aranha, X-Men e muitos outros. A produção quadrinista nesta categoria é muito vasta, e as histórias quanto ao nível de qualidade costumam variar bastante, talvez sejam por isso, que atinja o público juvenil, sempre interessado em temática nova e personagem diferente;
- b) **Humorísticos** – Os quadrinhos de humor foram os primeiros que apareceram, daí o nome comics. Grande parte dos quadrinhos produzidos no mundo encaixa-se nesta área, principalmente os publicados em jornais, que aparecem sempre em destaque para provocar risos nos leitores [...];
- d) **Policiais** – surgiram na década de 30, com o aparecimento de Dick Tracy, de Chester Gould, um detetive que agia contra o crime e malfeitores [...];
- e) **Aventura** – esta categoria surgiu no final da década de 20 com o personagem mais conhecido do gênero, Tarzan, criado por Edgar Rice Burroughs [...];
- f) **Horror** – atualmente possui um público consideravelmente pequeno, em relação ao da década de 50, época em que fizeram bastante sucesso, publicados em revistas importantes como a The Crypt of Terror e a The Vault of Terror, pela Entertaining Comics (E.C.) [...] No Brasil personagens como o Lobisomem, Múmia e Drácula, desenhados por (Rodolfo Zalla, Nico Rosso e Eugênio Collonezze), tiveram longa trajetória, mesmo quando os norte-americanos deixaram de dar importância e de contribuir para a realização das histórias no final da década de 50 [...];
- g) **Eróticos** – Os quadrinhos desse tipo são dirigidos ao público adulto, sendo a maioria representada pelos europeus [...];

h) **Alternativos** – são os quadrinhos produzidos fora das regras de produção estabelecidas. O movimento underground dos anos 60, (organizado pelos desenhistas Robert Crumb, Clay Wilson e Gilbert Shelton e outros) é um exemplo de protesto contra a produção tradicional. O movimento underground trouxe aos quadrinhos características inovadoras: os personagens e histórias criadas não tinham objetivos de lucro ou sucesso, visavam o protesto aos valores dominantes utilizando frequentemente a extravagância, o erotismo e a escatologia. (MENDES, 1998, p. 44).

Porém, entender os quadrinhos não é o bastante. Da mesma diversidade que eles se valem, também se valem os leitores. São vários os tipos de consumidores de quadrinhos, com variadas motivações de leitura, e entender isso, se possível através de um estudo de usuário, é essencial para nesse sentido se criar um acervo adequado. Dada a vasta quantidade de obras publicadas e variedade de gêneros, entender o leitor de HQs é uma forma não somente de atender as suas necessidades, mas também de trazer mais atividade ao acervo, incentivando seu aproveitamento e crescimento no caminho mais adequado.

No ambiente escolar, assimilar o acervo às necessidades que vão além da leitura de lazer pode ser de grande auxílio no desenvolvimento dos alunos em sala de aula e fora dela também, por isso, disponibilizar histórias em quadrinhos apenas pela possibilidade de fazê-lo pode minar todo o potencial deste material em se apresentar como uma importante fonte de informação em bibliotecas. A seleção do que estará ou não disponível nas prateleiras deve considerar não somente o conteúdo, mas a demanda por ele, ou seja, o gosto e necessidades de seus leitores. Neste sentido, os quadrinhos também devem ser tratados da mesma maneira que os livros.

Assim, para aqueles que atuam na documentação e fornecimento de informação na área, seja em gibitecas, seja em bibliotecas públicas e escolares que possuem acervos de histórias em quadrinhos, seja em acervos especializados de unidades de ensino universitário, é importante ter familiaridade com os diversos tipos de leitores/usuários de quadrinhos que podem encontrar. (VERGUEIRO, 2003, p. 1).

Com o avançar da idade, possuindo mais autonomia e poder de escolha, os jovens mudam seus interesses de leitura, geralmente partindo para histórias mais complexas que estejam de acordo com a sua realidade ou relacionadas a outros materiais que consomem, como filmes, séries e música, por exemplo. Entender os gostos dos usuários da biblioteca é também entender a realidade que os rodeia, e a seleção adequada de material pode ser o elemento decisório entre a permanência daquele indivíduo no mundo da leitura ou o

afastamento dela, talvez definitivo, por não ter acesso às histórias que conversam com a sua realidade.

Entender os leitores de quadrinhos é uma tarefa à parte de entender os leitores de livros. Vergueiro (2005, p. 6) elenca os consumidores desta mídia em algumas categorias:

a) **eventuais:** aqueles que usufruem das histórias em quadrinhos da mesma forma como utilizam todas as outras modalidades de leitura, sem qualquer predileção especial por esse meio de comunicação específico, com um conhecimento apenas superficial de autores ou títulos e tendendo a se concentrar naqueles de maior popularidade. Não buscam nada além da satisfação momentânea de suas necessidades de leitura de entretenimento, sendo guiados muito mais por motivos circunstanciais do que por qualquer ato consciente de escolha;

b) **exaustivos:** os que lêem apenas histórias em quadrinhos mas não fazem qualquer tipo de seleção, consumindo à exaustão tudo o que for produzido pelo meio. Em termos etários, tendem a se concentrar nas camadas mais jovens da população. É possível supor que o número desses leitores diminui em proporção com o seu envelhecimento: quanto mais velhos, menor é a probabilidade da leitura exclusiva de histórias em quadrinhos, já que surgem outros interesses a dividir sua atenção. No entanto, essa regra não é assim tão rígida. Algumas vezes, leitores exaustivos são também grandes colecionadores;

c) **seletivos:** leitores que têm predileção apenas por determinados gêneros, personagens ou autores. Lêem tudo o que é publicado em sua área de interesse e buscam fazer a correlação de suas leituras com outros meios de comunicação de massa. Leitores seletivos também costumam, algumas vezes, ser colecionadores desses materiais;

d) **fanáticos:** como o próprio nome diz, levam sua predileção a extremos. Não apenas lêem as histórias de seus personagens e títulos prediletos, como também procuram saber o máximo possível sobre eles, conhecendo minúcias de produção, características específicas de cada desenhista ou roteirista, evolução histórica do protagonista e coadjuvantes, etc. Constantemente, são também ávidos colecionadores de tudo que diga respeito a sua predileção, englobando publicações de todos os tipos que se relacionem com ele, bem como filmes e suas trilhas sonoras, autógrafos dos autores e desenhos originais dos artistas. Os fanáticos não falam de outro assunto que não aquele de sua predileção e tendem a defender seus pontos de vista com unhas e dentes, parecendo não entender muito bem porque estes não são compartilhados pelo restante da população. Quando encontram outros com preocupações semelhantes, costumam criar clubes ou associações;

e) **estudiosos:** nem sempre são leitores tão ávidos, mas resolveram se debruçar sobre as histórias em quadrinhos para estudar suas características e relações com outros meios de comunicação, com outros aspectos da vida social ou sob o ponto de vista de sua aplicação em determinadas ciências ou atividades. Muitas vezes, a predileção pelo estudo das histórias em quadrinhos ocorre em função de contingências acadêmicas específicas, como a elaboração de uma tese ou trabalho de conclusão de curso de graduação, deixando de existir tão logo elas terminem. Outras vezes, esse estudo inicial funciona como um despertar para esse tipo de publicação, persistindo na

vida intelectual do indivíduo, que continua a ler e a estudar os quadrinhos durante muito tempo após o término da atividade acadêmica que originalmente o levou a eles. Ele passa a fazer parte, então, de grupos mais exigentes de leitores, que procuram por materiais de maior nível de qualidade, que tenham condições de lhes trazer benefícios intelectuais inquestionáveis.

Analisando desta forma, é possível compreender que o universo dos quadrinhos e de seus leitores possuem suas próprias especificidades e complexidades, não sendo uma tarefa trivial selecionar os materiais que ficarão dispostos para leitura, empréstimo ou prática de atividades na biblioteca. A seleção de um material pouco atraente ou condizente com a realidade dos leitores pode acabar gerando o desinteresse por esta seção, e com possibilidades de causar a mesma reação ao material em si, dado que os quadrinhos frequentemente sofrem com generalizações de interpretações negativas, desperdiçando a chance de explorar positivamente o seu potencial. O bibliotecário precisa estar atento à sua forma, ao seu conteúdo e nos seus leitores, com o objetivo de construir um acervo com maior diversidade e qualidade no que tange os interesses não apenas dos consulentes, mas também da biblioteca enquanto parte fundamental na fomentação do desenvolvimento do corpo escolar e da escola em si enquanto instituição com a missão de promover o conhecimento. Desta forma, poderá explorar as HQs com maior eficácia ao desenvolver atividades, projetos, ações pedagógicas e ao oferecer produtos e serviços voltados para esta mídia.

3.3 QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

Atualmente a relação entre educação e histórias em quadrinhos tem se dado de forma amistosa e frequente, a exemplo de alguns de seus formatos, como as tirinhas, que são elementos fortemente presentes nos livros didáticos usados em salas de aula. Porém nem sempre foi assim.

Como citado anteriormente neste trabalho, a relação da sociedade com os quadrinhos teve seus momentos de turbulência. O livro *Seduction of the Innocent*, de Fredric Wertham, cavou profundas feridas na imagem dos quadrinhos, fomentando e intensificando ainda mais o preconceito com esta mídia. Ainda que esta publicação tenha se dado nos Estados Unidos, no Brasil também haviam os críticos de quadrinhos. Segundo Ramos e Vergueiro (2009, p. 62), professores tinham em mente dois pressupostos:

- de que os quadrinhos afastariam os jovens da leitura de “livros de verdade”, estimulando a “preguiça mental”, trazendo, conseqüentemente, prejuízos no rendimento escolar dos estudantes;
- a ação e a violência mostradas nos quadrinhos influenciariam negativamente os leitores mirins e adolescentes que, sob essa influência nociva, imitariam os crimes contidos nessas histórias ou, confundindo fantasia e realidade, iriam se expor a risco de acidentes ao tentarem imitar seus heróis favoritos em brincadeiras (pular de janelas tentando “voar igual ao Super-Homem” e coisas do tipo). Ainda dentro dessa visão, se os quadrinhos se constituíam em um “mal inevitável”, apenas a leitura daqueles considerados “inofensivos” (histórias infantis com bichinhos e crianças, sem qualquer menção a armas de fogo ou coisas do tipo) deveria ser permitida ou tolerada.

Ainda no Brasil, é possível identificar traços desta relação conturbada antes mesmo da publicação do supracitado livro e a propagação de suas ideias. Djota Carvalho (2006, p. 32, apud SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 82) identificou que:

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças”.

Com o passar do tempo, com o abrandamento desta “caçada aos quadrinhos” e novas pesquisas relacionadas a eles surgindo e mostrando que não representavam a ameaça das quais eram acusados, muito deste preconceito foi deixando de existir, ainda que não totalmente.

Com o tempo, contudo, os conflitos entre histórias em quadrinhos e educação foram se amenizando. A partir dos anos 1970, já era possível encontrar narrativas gráficas sequenciais em livros didáticos brasileiros, elaboradas por artistas consagrados, como Eugenio Colonnezze ou Rodolfo Zalla (1992). Esses quadrinhos sintetizavam ou exemplificavam, em uma ou mais vinhetas, o conteúdo do tópico ou do capítulo. Utilizando a linguagem característica dos quadrinhos (balões de fala, recordatórios etc.), estes eram usados para suavizar a diagramação e complementar de forma mais leve o texto didático. (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 83).

Em 1996, com o estabelecimento da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, de acordo com o inciso II, parágrafo 8, artigo 35-A, seção IV, que diz respeito ao Ensino

Médio e suas finalidades, está descrito que ao final do ensino médio o aluno deverá demonstrar “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”. Tendo isso em vista e, considerando que os quadrinhos são uma forma contemporânea de linguagem, pode-se entender que já ali surge um elemento legal que viabiliza a utilização das histórias em quadrinhos nas escolas e serve como um incentivo à sua difusão e popularização nestes ambientes.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), instituídos em 1998, existem diversas indicações para o uso das histórias em quadrinhos. Nos textos que abordam os conteúdos da 1ª à 4ª série, podem ser encontradas algumas sugestões para alguns campos do conhecimento.

Em Língua Portuguesa, sugerem-se os quadrinhos como uma maneira de trabalhar temas transversais pertencentes à dimensão do espaço público. Também são sugeridos como gêneros adequados para se trabalhar a linguagem escrita.

No PCN que trata sobre Arte, as histórias em quadrinhos são sugeridas como ferramentas para as “artes visuais no fazer dos alunos”, assim como para o “contato sensível, reconhecimento, observação e experimentação de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem”.

Já para os alunos da 5ª à 8ª séries, em Língua Portuguesa, tem-se a charge e a tira como “gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos”. Em Arte, sugerem-se histórias em quadrinhos para o “conhecimento e competência de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem”. No tocante à Língua Estrangeira, os quadrinhos estão elencados como o tipo de texto que pode ser usado como ferramenta de aprendizado.

Seguindo nesta linha, as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN+), instituídas em 2002, no que trata das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, pode-se também encontrar algumas orientações para o uso dos quadrinhos.

No texto que trata do tópico supracitado, as histórias em quadrinhos são uma sugestão para o trabalho da metalinguagem. Sobre a análise textual, para o desenvolvimento desta competência, é preciso ter o domínio conceitual que abrange a análise de textos de diferentes gêneros, incluído aí os quadrinhos. As charges entram como elemento indicado para se trabalhar a leitura conotativa.

Dentre as estratégias elencadas para desenvolver as competências em línguas estrangeiras, o texto sugere a utilização das histórias em quadrinhos como material de estímulo à leitura, trabalho áudio-oral, pesquisa e produção escrita. Ainda nesse sentido, sobre

a abordagem textual, o texto sugere que esta mídia seja utilizada para ajudar na compreensão dos alunos da primeira série do ensino médio, dada a sua característica que une o artifício gráfico e semântico.

Ainda que nos exemplos citados acima o uso das histórias em quadrinhos tenha ficado restrito a áreas como Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Artes, é possível afirmar que elas podem ser aplicadas aos diversos campos do conhecimento, como História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Educação Sexual, Educação Física, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, dentre tantos outros. Com décadas de produção incessante, a indústria dos quadrinhos é uma fonte diversa e inesgotável de referências para serem trabalhadas na escola. Mais uma vez aqui, destaca-se o importante papel do bibliotecário escolar, não apenas em entender o potencial educativo dos quadrinhos, para assim oferecer o melhor acervo para atividades na biblioteca e em sala de aula, mas em também fazer uma seleção adequada do material neste manancial de publicações, de modo que atendam as demandas da instituição e dos alunos enquanto indivíduos leitores.

Um dos aspectos da educação mais trabalhados com as histórias em quadrinhos é a formação de leitores. Por conterem uma carga textual geralmente menos densa que a dos livros e por estarem relacionadas às imagens, muitas vezes são utilizadas como elementos introdutórios ao mundo da leitura, com finalidade de despertar o interesse pelas palavras e pelas histórias que contam.

A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma outra criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha. (ALVES, 2011, p. 5).

Porém, da mesma forma que com os livros, é preciso que haja uma seleção adequada do material a ser trabalhado pois, além da simples prática de ler, os quadrinhos possibilitam outros tipos de análise que permitem um melhor aproveitamento da experiência e maior desenvolvimento de conhecimentos de elementos textuais e visuais, conforme Santos e Vergueiro (2012, p. 85) dizem:

[...] entende-se que não basta “ler” apenas o elemento textual (diálogos e textos narrativos) de uma história em quadrinhos. É preciso ir além [...] É necessário, portanto, identificar os tipos de balões (de fala, de pensamento etc.), as metáforas visuais (lâmpada acesa sobre a cabeça quando o personagem tem uma ideia, estrelas indicando dor etc.) ou as onomatopeias (representações de sons: explosão, tapa etc.).

Os quadrinhos são, de muitas maneiras, ótimas ferramentas para introduzir obras literárias que, dependendo da fase de desenvolvimento dos alunos enquanto leitores, poderiam parecer extensas ou enfadonhas, independentemente de sua qualidade estilística e literária. São muitas as adaptações de livros para quadrinhos.

Embora as histórias em quadrinhos impliquem na leitura, não é correto dizer que elas constituem uma forma literária. No entanto, por compartilharem elementos narrativos típicos do texto literário, os quadrinhos têm-se prestado para a adaptação de contos ou de romances [...]. (SANTOS; VEGUEIRO, 2012, p. 87).

Desta forma, os alunos podem criar interesse pelo enredo e estarem prontos para serem incentivados a partir para a leitura do texto literário original, isso se não partirem para essa busca por conta própria, dentro ou fora do ambiente da escola e da biblioteca. Santos e Vergueiro (2012, p. 87) alertam que “o mais importante, entretanto, não é a qualidade da transcodificação da literatura para a narrativa gráfica sequencial, mas a maneira como o educador emprega esse material, que não deve substituir o texto literário”.

Os bibliotecários, por excelência, compreendem o importante e necessário papel da leitura e da formação de leitores, mas é preciso compreender também que as histórias em quadrinhos são um formato que permitem a leitura continuada ao longo da vida, que abarca todas as faixas etárias, não devendo apenas servir como atraente “isca” para leitores em formação, mas sim apresentadas como uma mídia cativante e vasta em conteúdos, gêneros e formatos, que conversa com as questões do cotidiano de cada indivíduo e da sociedade em que ele vive, podendo ser um instrumento de divertimento e descontração ou uma ferramenta de aprendizado e informação para as mais diversas finalidades.

[...] Ler é necessário porque o leitor é um ser social que não sobrevive sem obter informações, construir algo, desenvolver um projeto, inteirar-se do que existe fora de si e de repente se descobrir. Ler é prazeroso porque é uma atividade lúdica que nutre e estimula o imaginário, diverte e desenvolve o espírito, desperta sensações e a criticidade. (CARVALHO; OLIVEIRA, 2004, p. 2).

Mesmo sendo popular entre aqueles que trabalham com formação de leitores, o mais importante é saber que as funções educativas dos quadrinhos não param – e não devem – parar por aí.

É importante que os bibliotecários escolares, além de entender a diversidade de forma e conteúdo das histórias em quadrinhos, também compreendam seu valor educativo para além da formação de leitores, para que possam desenvolver projetos e atividades com esta mídia que obtenham um maior aproveitamento informativo e cultural de seu conteúdo, assim como para que também possuam os argumentos necessários para difundi-las entre professores e alunos, incentivando a sua utilização nas salas de aula. Segundo Paiva (2017, p. 61):

Em seu processo de humanização, socialização e de singularização, o processo educativo se utiliza de experiências e vivências de uma sociedade e de toda sua obra para estabelece a cultura e caminhar no sentido da ampliação de conhecimentos e do acúmulo de saberes. Ao entendermos que esse processo ocorre inserido nas práticas cotidianas, podemos entender a leitura das HQs como uma das maneiras de mediação, transmissão e também de apropriação de cultura e, portanto, de realização do processo de educação.

Autores e leitores de quadrinhos sempre estiveram “antenados” aos acontecimentos históricos e contemporâneos de sua realidade e, desde seu surgimento, os quadrinhos foram e ainda são importantes veículos de representação de seu contexto histórico e social, servindo como ótimas ferramentas para a crítica, informação e reflexão sobre os acontecimentos do mundo, o que se expandiu ainda mais com o avanço das tecnologias de comunicação que quebraram as barreiras informativas antes existentes, sendo assim possível compreendê-las também como um veículo de comunicação, considerando que, segundo Paiva (2013, p. 32) “com uma origem simples e conteúdo cômico, as HQs tiveram um crescimento rápido e além de serem consideradas um tipo de arte, estabeleceram-se como uma forma de comunicação da massa [...]”.

Para Vergueiro (2005, p. 2), os quadrinhos, enquanto veículos de comunicação de massa, apresentam dois códigos para a transmissão de uma mensagem:

- 1) o linguístico, presente nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons; e
- 2) o pictórico, constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, ideias abstratas e/ou esotéricas etc.

Assim sendo, deve-se tomar as histórias em quadrinhos também por sua característica de instrumento de comunicação de massa como uma forma de se aproximar das crianças e

jovens, que estão cada vez mais consumindo os frutos dos quadrinhos através de outras mídias como a televisão, cinema e produtos de marketing, e desenvolver estratégias para ativá-los para o mundo da leitura, relacionando o que elas veem nas telas com o que existe nas páginas, sabendo ir além do próprio entretenimento e da mera leitura em si, pois de acordo com Santos e Vergueiro (2012, p. 84) “[...] mesmo aquelas que se destinam apenas ao entretenimento e ao lazer, cujo conteúdo não foi gerado com a preocupação de informar ou passar conhecimento, podem ser utilizadas em ambiente didático, mas exigem um cuidado maior por parte dos professores”, onde além de professores podem-se enquadrar também os bibliotecários.

Deve-se saber aproveitar este caráter lúdico das HQs para atrair os leitores, e deve-se trabalhar juntamente com eles o despertar do interesse, fazendo com que elas não sejam um mero componente do acervo da escola, mas sim mais um meio por onde eles podem se divertir, se encantar, se informar, refletir e produzir conhecimentos que poderão ser trocados com seus colegas em conversas descontraídas, criando assim uma rede orgânica de difusão deste interesse. Para Paiva (2013, p. 70):

[...] a busca pelas HQs não é uma busca por conhecimento e sim por entretenimento, isso faz com que sua procura seja muito mais espontânea. Acredito que ao escolher uma HQ, o(a) leitor(a) procura nela elementos que fazem parte de seu sistema de valores e conhecimentos. A busca por significados prévios, já construídos, faz com que o(a) leitor(a) se depare com um grande número de novos significados que se somarão aos seus.

Pode, inicialmente, parecer difícil diante tantas publicações, selecionar aquelas ideais para se trabalhar determinados assuntos, mas dado ao grande número de quadrinhos que tem sido lançados anualmente, hoje existem diversos portais, como o www.universohq.com.br e *vlogs* como o Pipoca & Nanquim e o 2quadrinhos, assim como podcasts como o Confins do Universo (do portal Universo HQ), HQ Sem Roteiro e Quadrinhos e Narrativas, que desdobram resenhas críticas que se aprofundam no significado da obra, e em alguns casos analisam os quadrinhos enquanto formas, narrativas e veículos de comunicação de massa, permitindo assim se ter uma noção prévia de seu conteúdo textual e visual, podendo servir de fonte de informação durante a seleção de um novo volume para aquisição da biblioteca ou mesmo saber se uma doação recebida é ou não ideal para inclusão no acervo ou para certos tipos de atividades. Porém deve-se considerar também que, em sua maioria, os quadrinhos podem ser desvendados integralmente em leituras breves que às vezes duram sequer uma hora. “Para os profissionais de informação que atuam no acesso e disseminação de histórias

em quadrinhos, a identificação e uso de fontes de informação seguras e confiáveis sobre elas representam elementos essenciais para a prestação de um serviço de informação eficiente [...]” (VERGUEIRO, 2005, p. 9).

Ainda que considerando que “temas da atualidade ou de natureza histórica, ética ou científica podem ser discutidos a partir da leitura de uma determinada História em Quadrinhos” (SANTOS, 2001, p. 49), a inserção e utilização das histórias em quadrinhos na biblioteca escolar e em sala de aula, em alguns casos, precisará confrontar alguns problemas, e dentre eles o fato de que “professores e gestores que conviveram com o preconceito e falta de reconhecimento das HQs, em muitas situações, reproduzem o mesmo comportamento e desconsideram essa e outras formas de atuar de maneira significativa na aprendizagem” (PAIVA, 2017, p. 74).

Além disso, há a necessidade de que os educadores leiam e se interessem pelos gibis, caso contrário a intervenção será falsa e desprovida de significado para uma relação de ensino-aprendizagem, uma vez que entendo que a legitimidade da ação pedagógica se encontra na verdade e na convicção das ações. (PAIVA, 2017, p. 74).

É preciso saber lidar com este preconceito que, mesmo que reduzido nos dias de hoje, ainda permanece como um fato na mente de muitas pessoas. Isso só poderá se dar com um conhecimento aprofundado dos quadrinhos e seu potencial educativo, para apresentá-los como a valiosa ferramenta que são para esta finalidade. É necessário o envolvimento de bibliotecários, professores, alunos e gestores no entendimento de que esta mídia pertence ao ambiente escolar tanto quanto um livro didático ou paradidático, pois “as HQs são uma rica fonte de conhecimento. Abordam temas variados, históricos e atuais, apresentando assuntos complexos ou mesmo “indigestos”, com uma linguagem fácil e acessível [...]” (PAIVA, 2017, p. 63).

Inserir as histórias em quadrinhos na biblioteca escolar, assim como na cultura escolar, pode não parecer um trabalho fácil, mas é um desafio que quando assumido poderá render frutos duradouros na vida dos alunos, para além da escola.

3.4 BIBLIOTECA ESCOLAR, LETRAMENTO INFORMACIONAL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

De acordo com as Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar (2015, p. 19), a biblioteca escolar define-se como:

[...] um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. Este lugar físico e digital é designado por vários termos (por exemplo, centro de mídia, centro de documentação e informação, biblioteca/ centro de recursos, biblioteca/ centro de aprendizagem), mas biblioteca escolar é o termo mais utilizado e aplicado às instalações e funções.

Sua missão, segundo o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (1999, p. 1), é promover “[...] serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios [...]”.

Para trazer mais valor à tônica de que a biblioteca escolar e as histórias em quadrinhos podem ter uma relação intrínseca, ao considerar as Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar (2015, p. 20), que a estabelece como um espaço com a finalidade de disponibilizar “[...] uma coleção diversificada de alta qualidade para o seu público-alvo (impressa, multimídia, digital) que apoia o currículo formal e informal da escola, incluindo projetos individuais e de desenvolvimento pessoal” é possível, dado as relações do capítulo anterior, entender os quadrinhos como parte integrante desta proposta de coleção diversificada.

Sobre o papel da biblioteca escolar, as Diretrizes indicam que elas têm como objetivo fornecer um programa educativo que compreenda o desenvolvimento de diversas capacidades, dentre elas as:

Capacidades e atitudes relacionadas com a leitura e literacia, o prazer da leitura, leitura para aprender através de múltiplas plataformas, bem como a transformação, comunicação e disseminação de texto em múltiplas formas e modos, que permitam o desenvolvimento de significado e compreensão. (IFLA, 2015, p. 21).

Observa-se que os quadrinhos também podem ser enquadrados dentro do desenvolvimento de “leitura para aprender através de múltiplas plataformas”, e as atividades desenvolvidas com os mesmos dentro de “disseminação de texto em múltiplas formas e modos”, considerando que eles são, assim como os livros e mídias digitais, uma plataforma e um meio de comunicação, que por si só existe em diversos formatos distintos.

Ao se atentar para a construção de um acervo de histórias em quadrinhos, vale reforçar o foco na diversidade e na elaboração de estratégias para usufruir o máximo que elas podem oferecer, usando o conhecimento sobre o público alvo – adquirido através de processos técnicos como estudo de usuários e das relações cotidianas – como um ponto de partida nesse processo. Conforme as Diretrizes (2015, p. 39), a “biblioteca escolar tem de fornecer acesso a

uma vasta gama de recursos físicos e digitais para atender às necessidades dos utilizadores de acordo com a sua idade, língua e origem [...]”. Novamente, entende-se aqui os quadrinhos como sendo um desses recursos a serem fornecidos que, diante as vastas opções de obras, vêm a oferecer seleções que respeitam as necessidades dos utilizadores de acordo com a sua idade, língua e origem.

Quanto ao papel do bibliotecário escolar, as Diretrizes (2015, p. 31) indicam que as qualificações do profissional devem incluir “ensino e aprendizagem” e “conhecimento de literatura para crianças e jovens”. Como já demonstrado nesta pesquisa, os quadrinhos são instrumentos adequados para auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem, assim como são veículos de comunicação de massa, que dada a popularização das adaptações em outras mídias, hoje atingem um número muito maior de crianças e jovens.

Dentre as atividades centrais do trabalho de ensino do bibliotecário escolar, as Diretrizes (2015, p. 33) elencam a “literacia e promoção da leitura”, “literacia da informação (competências de informação, fluência de informação, literacia de mídias, transliteracia)”, “aprendizagem baseada em investigação (aprendizagem baseada em problemas, pensamento crítico)” e “formação de professores”.

Cabe aqui ressaltar a questão da formação de professores, uma vez que ainda se enfrenta uma certa resistência ou desconhecimento por partes dos mesmos acerca das histórias em quadrinhos. Incentivar o uso desta mídia por professores em sala de aula ou no ambiente da biblioteca, assim como buscar aprofundar o conhecimento acerca dela, pode integrar o processo de formação, uma vez que é possível demonstrar de maneira prática as possibilidades de ensino-aprendizagem ao utilizá-la. Segundo Fonseca e Spudeit (2016, p. 40):

Na escola, uma das funções da biblioteca é de auxiliar o professor em seu trabalho e ampliar os conhecimentos vistos em sala de aula, bem como incentivar o gosto pela da leitura, pela pesquisa. Nesse contexto, o professor e o bibliotecário influenciam diretamente o estudante, por isso é necessário que esses dois profissionais trabalhem em conjunto, de maneira colaborativa, para auxiliar um ou outro na formação integral dos cidadãos.

As relações entre bibliotecários escolares e professores devem se dar de maneira estreita e contínua, na busca de criar uma conexão coerente entre as duas partes, de modo que venham a se complementar em seus objetivos. É preciso que os professores reconheçam a importância do trabalho desenvolvido dentro do ambiente da biblioteca, e para isso se faz necessário que eles participem das atividades e projetos, e que também interajam com a

diversidade de materiais que o acervo tem a oferecer, como os quadrinhos, para que percebam todo seu potencial. O mesmo pode ser dito sobre o bibliotecário enquanto um “[...] colaborador, indo além das paredes das bibliotecas, fazendo-se presente em sala de aula e mostrando ao professor que pode auxiliá-lo no processo de ensino também [...]” (FONSECA; SPUDEIT, 2016, p. 42).

Após apontados estes elementos que permeiam o papel da biblioteca escolar e o fazer do bibliotecário escolar em conjunto com os professores, pode-se trazer à tona o questionamento levantado por Bari e Vergueiro (2007, p. 9) mediante a necessidade de uma boa utilização das histórias quadrinhos:

Tal como aos professores, novas questões se colocam também para os bibliotecários: como agir em relação aos quadrinhos que foram - e provavelmente continuarão a ser - recebidos pelas bibliotecas escolares? Processá-los e colocá-los na estante, esperando que alunos e professores por eles venham a se interessar, parecem ser providências pouco criativas, para não dizer tímidas. Uma atitude proativa é esperada por parte dos profissionais da informação, esperando que possam enxergar nas obras em quadrinhos mais um aliado na meritória missão de auxiliar seus usuários a atingir o pleno usufruto da produção material e cultural da sociedade.

Compreendendo-se até aqui que biblioteca e bibliotecário escolar possuem um importante papel educativo dentro do ambiente escolar, a partir deste parágrafo será tratado o papel do Letramento Informacional e como o profissional bibliotecário se relaciona com ele.

A edição das Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar utilizada nesta seção é a portuguesa, traduzida pela Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. Isto se deu justamente pelo uso do termo “literacia”, comumente utilizado no país em questão e aqui já citado algumas vezes, e como isto vai de encontro ao sentido de Letramento Informacional a ser explorado, utilizando os conceitos e definições trabalhados pelas autoras Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque e Elisabeth Adriana Dudziak como norteadores.

Os termos literacia, letramento e competência informacional, frequentemente utilizados no Brasil, podem, em alguns casos, se confundir¹. Porém segundo Gasque (2010, p. 84):

A despeito de reconhecer que os termos ‘competências’, ‘habilidades’, ‘letramento’, ‘literacia’ e ‘alfabetização’ pertencem a categorias de ideias

¹ São muitas as autoras e autores que debatem sobre o significado e utilização dos termos Competência, Literacia e Letramento Informacional, a exemplo de Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, Elisabeth Adriana Dudziak, Bernadete Campello e Maria Helena de Lima Hatschbach. Para fins desta pesquisa, optou-se pela utilização do termo Letramento Informacional.

similares, precisam ser bem definidos para que reflitam com exatidão determinada ação, evento ou processo. Ao analisá-los, constata-se uma relação mais estreita entre ‘literacia’, ‘letramento’ e ‘alfabetização’, assim como ‘competência’ e ‘habilidades’ estão vinculadas mais diretamente.

Temos então que letramento e literacia possuem uma “relação estreita”, entendendo assim que, dentro deste contexto, as propostas de literacia das Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar podem ser traduzidas como propostas de letramento. SOARES (2004 apud Gasque, 2010, p. 85) também relaciona a alfabetização com estes dois termos, e diz que “no Brasil, a aproximação semântica entre ‘letramento’ e ‘alfabetização’ tem “levado à concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem, e até se fundem”, e assim sugere que estas duas práticas não devem se confundir, elucidando a alfabetização como sendo vinculada ao:

[...] domínio básico do código da língua, abrangendo conhecimentos e destrezas variados, como a memorização das convenções existentes entre letras/sons, a comparação entre palavras e significados, o conhecimento do funcionamento do alfabeto, o domínio do traçado das letras e a aprendizagem de instrumentos específicos, como lápis, canetas, papéis, cadernos e computador. (GASQUE, 2010, p. 85).

E o letramento como a prática que:

[...] envolve o conceito de alfabetização, transcendendo a decodificação para situações em que há o uso efetivo da língua nas práticas de interação em um contexto específico. Por exemplo, o indivíduo lê um romance, executa uma receita, compreende a bula do medicamento. Pelo fato de a alfabetização e o letramento envolverem desde a decodificação de uma palavra até a leitura de uma obra, em um longo continuum, há referências a tipos e níveis de letramento, considerando, em qualquer situação, a experiência do indivíduo. (GASQUE, 2010, p. 85).

Gasque (2010, p. 86) define a finalidade do letramento informacional como sendo a “[...] adaptação e a socialização dos indivíduos na sociedade da aprendizagem”, e elenca as capacidades que devem ser desenvolvidas para se alcançar estes objetivos:

- determinar a extensão das informações necessárias;
- acessar a informação de forma efetiva e eficientemente;
- avaliar criticamente a informação e a suas fontes;
- incorporar a nova informação ao conhecimento prévio;
- usar a informação de forma efetiva para atingir objetivos específicos;
- compreender os aspectos econômico, legal e social do uso da informação, bem como acessá-la e usá-la ética e legalmente.

Dudziak utiliza o termo *information literacy*, literacia informacional na língua inglesa, e indica a utilização da expressão “competência em informação” como sendo a mais adequada para o português brasileiro pois, segundo Fleury e Fleury (2000 apud DUDZIAK, 2003, p. 24), “sua definição voltar-se a um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor, direcionados à informação e seu vasto universo”, mas também reconhece que “algumas expressões possíveis seriam alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação” (DUDZIAK, 2003, p. 24).

Assim, pode-se considerar *information literacy* como sendo literacia informacional em tradução direta para o português brasileiro, aplicando-se ao sentido usado nas Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar com a tradução para o português lusitano utilizada nessa pesquisa, desse modo, sendo possível transcrever também para letramento informacional, conforme os conceitos expostos por Gasque e Dudziak.

Dudziak (2003, p. 28) define a *information literacy* como:

[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

A autora também elenca os objetivos a serem alcançados pela *information literacy*, que envolvem formar indivíduos que:

- Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão [...]
- Conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz [...]
- Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos [...]
- Usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais [...]
- Considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, observando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência [...]
- Sejam aprendizes independentes [...]
- Aprendam ao longo da vida [...] (DUDZIAK, 2003, p. 28).

Dudziak (2003, p. 29) considera as características da *information literacy* como:

[...] um processo de aprendizado contínuo que envolve informação, conhecimento e inteligência. É transdisciplinar, incorporando um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos, valores pessoais e sociais; permeia qualquer fenômeno de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões.

As Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar (2015, p. 47) indicam os elementos que devem ser considerados e trabalhados na promoção da literacia na biblioteca escolar e orientam o papel do bibliotecário nesse processo:

As atividades de literacia, de incentivo à leitura e fruição de mídia envolvem vertentes cognitivas e socioculturais de aprendizagem. Devem ser feitos esforços para garantir que a coleção da biblioteca escolar inclua materiais escritos e criados local e internacionalmente e que reflitam as identidades nacionais, culturais e étnicas dos membros da comunidade escolar. O bibliotecário escolar deve assumir a liderança no sentido de garantir que os alunos tenham oportunidades, em sala de aula, bem como na biblioteca, para a leitura de materiais que eles próprios selecionam e para discutir e partilhar com outros o que estão a ler [...] Podem ser organizados eventos especiais promotores da literacia e da leitura, na biblioteca ou em toda a escola, tais como exposições, visitas de autor e comemoração de dias internacionais da literacia.

Dudziak (2003, p. 33) reforça que “a cooperação entre administradores, bibliotecários, docentes e técnicos é uma das premissas para que se desenvolvam programas educacionais voltados para a *information literacy*”. Entendendo o papel do bibliotecário enquanto um agente educador, diz:

O educador deve manter o foco nos processos de aprendizado dos estudantes, levando-os ao aprendizado, devendo considerar as diferenças culturais e de estilos de aprendizagem de cada um: verbal/lingüístico; lógica/matemático; visual/espacial; cinético/corporal; musical/ rítmico; interpessoal e intrapessoal. Ser educador significa dominar seu processo e campo específicos de trabalho, fazendo seus conhecimentos, a ponto de ter a capacidade de reelaborá-los e reconstruí-los de acordo com sua proposta pedagógica.

[...]

Desta forma, os bibliotecários necessitam se reinventar, adotando uma postura mais ativa, deflagrando processos e projetos de inovação organizacional, tanto no âmbito da biblioteca, quanto no âmbito das instituições de ensino.

Ao fazer um apanhado do que foi apontado até aqui a partir da visão das duas autoras, e buscando unir algumas de suas ideias, as histórias em quadrinhos em diversos aspectos se mostram instrumentos para o letramento informacional, uma vez que demandam e favorecem

a transcendência da decodificação para situações em que há o uso efetivo da língua nas práticas de interação em um contexto específico, considerando suas linguagens específicas, como o uso dos balões, suas formas e o que significam, o trabalho com onomatopeias, a posição e composição dos quadros e até mesmo a ausência de texto por completo.

Os quadrinhos também podem ser usados como fontes de informações para se alcançar objetivos específicos, individualmente ou como membro de um grupo, principalmente no ambiente escolar, possibilitando a geração de novas informações e criando novas necessidades informacionais; ajudam a compreender os aspectos econômicos, sociais, legais e éticos do uso da informação, possibilitando a incorporação das informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos; permitem um conhecimento maior do mundo da informação, uma vez que são por si só um meio de comunicação que se manifesta em diversas formas, conteúdos e gêneros; auxiliam no desenvolvimento da criticidade e da avaliação das informações e suas fontes; favorecem o reconhecimento das implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, considerando que eles podem se manifestar em forma de histórias em quadrinhos através de atividades e que serão lidos por seus pares; permitem o aprendizado ao longo da vida, sendo uma mídia de fácil acesso e de vasta produção, tratando de diversos assuntos pertinentes à sociedade em que vivemos.

As tirinhas, materiais de fácil acesso em jornais, revistas e internet, podem ser trabalhadas em diversos campos do conhecimento, como a Língua Portuguesa. O exemplo a seguir demonstra uma possibilidade de se trabalhar o significado das palavras, servindo como uma proposta para atividades com a utilização de dicionários físicos e *on-line*, por exemplo.

Figura 22: Calvin e Haroldo, de Bill Watterson.



Fonte: Google Imagens (2018).

No exemplo a seguir, uma tirinha que pode ser usada em aulas de Ciências em atividades com a proposta de ensinar sobre os tipos de nuvens, atividade eólica, climatologia e, inclusive, o conceito de pareidolia em um exercício voltado para o lúdico.

Figura 23: Calvin e Haroldo, de Bill Watterson.



Fonte: Google Imagens (2018).

Tirinhas podem ser usadas, inclusive, na abordagem de assuntos do cotidiano da vida pessoal e escolar, como a autoestima, autoaceitação e trabalhos para conscientizar e evitar a prática de *bullyng*.

Figura 24: Horo, de Fábio Coala.



Fonte: Mentirinhas (2018).

As charges, de tão fácil acesso quanto as tirinhas, também encontradas em jornais, revistas e internet, podem servir da mesma forma para atividade em diversas áreas do conhecimento. Abaixo, um exemplo de charge que pode ser utilizada para a conscientização acerca do vírus da dengue e seu transmissor, saúde pública e preservação do meio ambiente.

Figura 25: Charge sobre saúde pública e prevenção à dengue.



Fonte: Junião (2015).

Porém bibliotecários escolares e professores não estão sozinhos na tarefa de trabalhar com o letramento informacional. Em 2010, a Universidade Federal do Rio de Janeiro reativou o curso de Licenciatura em Biblioteconomia, outrora existente na década de 1980, porém extinto na década de 1990 (ANDRADE, 2016, p. 82; WEITZEL; JUNIOR; ACHILLES, 2015, p. 223). Assim, retorna ao contexto biblioteconômico o profissional licenciado em biblioteconomia, que “alia os conhecimentos biblioteconômicos e pedagógicos necessários para promover o ensino e a aprendizagem baseados no desenvolvimento de competências e habilidades informacionais nas escolas” (WEITZEL; JUNIOR; ACHILLES, 2015, p. 214).

A licenciatura em Biblioteconomia vem contribuir para a qualidade na educação, desde a educação infantil até a superior. No que se refere a competências necessárias para viver na Sociedade da Informação, a licenciatura traz propostas concretas para trabalhar a competência em informação nas escolas, além de promover a formação continuada de profissionais que atuam diretamente com organização e gestão da informação. (ANDRADE, 2016, p. 83).

A formação destes profissionais, que alia os métodos de ensino-aprendizagem com os conhecimentos biblioteconômicos, os tornam capacitados para atuar com o letramento informacional no âmbito escolar, seja em sala de aula ou biblioteca.

Por sua formação, os licenciados em Biblioteconomia, já estão aptos para ensinar as teorias, métodos e técnicas utilizadas nas bibliotecas, e capacitados a desenvolver habilidades e competências que circulam na relação professor-biblioteca-aluno. Desse modo, esses profissionais alcançam as questões do processo de ensino e aprendizagem e do desenvolvimento de competências, pois apresentam os conhecimentos próprios do bibliotecário, assim como do professor, a destacar: o domínio dos recursos informacionais e do conhecimento pedagógico, respectivamente. (WEITZEL; JUNIOR; ACHILLES, 2015, p. 223).

Sendo assim, o licenciado em Biblioteconomia também não deve se furtar aos estudos das histórias em quadrinhos como meios para a educação e o letramento informacional, fazendo desta mídia um potencial aliado no exercício de sua profissão, tendo em vista sua formação e preparação para o ensino em diversas áreas. Segundo Weitzel, Junior e Achilles (2015, p. 223) “[...] os licenciados em Biblioteconomia, que além de atuarem com o ensino profissionalizante na formação de técnicos em Biblioteconomia, possuem a qualificação de um professor e a base das teorias que sustentam o letramento informacional [...]”, além de “[...] colaborar para a formação continuada de bacharéis em Biblioteconomia, por meio de cursos e eventos que podem ser organizados e promovidos pelos professores de Biblioteconomia [...]” (ANDRADE, 2016, p. 84).

Nessa nova dinâmica que se apresenta, o licenciado atua como um profissional com significativa relevância nas escolas, como um mediador entre os recursos da biblioteca e os docentes, auxiliando os profissionais, buscando sempre a promoção de uma aprendizagem diferenciada, marcada pela formação de pensadores autônomos e que compreendam a biblioteca e as unidades de informação como ambientes de aprendizagem contínua. (ANDRADE, 2016, p. 84).

A relação entre bibliotecários, licenciados em biblioteconomia e professores pode render estratégias para o letramento informacional que extraiam excelentes resultados junto aos alunos. A aplicação do letramento, aproveitando os conhecimentos de cada formação, pode usufruir de diversas formas de realização, utilizando-se de variadas metodologias, o que proporcionaria uma gama maior de experiências aos grupos de alunos participantes, que por sua vez teriam um ganho maior de aproveitamento destas atividades e fariam uma utilização

mais otimizada e interessada do acervo da biblioteca, em seu próprio espaço ou na sala de aula, seja de quadrinhos ou do todo que ela pode oferecer.

As *graphic novels* podem ser alternativas para trabalhar de forma mais profunda conceitos que charges e tiras não têm o espaço para abordar plenamente. A seguir, o exemplo de *Não Era Você Que Eu Esperava*, de Fabien Toulmé, que narra em uma autobiografia profundamente honesta a sua reação ao saber que seria pai de uma criança com Síndrome de Down. Esta *graphic* pode servir para conferir maior humanização ao se tratar sobre a síndrome em aulas de Ciências, ou mesmo para trabalhar um melhor acolhimento e empatia de alunos com a síndrome no ambiente escolar e fora dele.

A *graphic* *Pílulas Azuis*, de Frederik Peeters, também uma autobiografia, narra o encontro e relacionamento do autor com Cati e seu filho, que são soropositivos, trazendo à tona questões como o preconceito e o tratamento da doença. Esta, poderia ser igualmente um instrumento para conferir maior humanização ao se abordar o vírus HIV em aulas de Ciências e servindo também para afastar os preconceitos acerca da relação com pessoas soropositivas.

Figura 26: *Não Era Você Que Eu Esperava*, de Fabien Toulmé. *Pílulas Azuis*, de Frederik Peeters.



Fonte: Amazon (2018).

A *Diferença Invisível*, de Mademoiselle Caroline, narra a história de uma jovem que descobre ter a Síndrome de Asperger e as mudanças que ocorrem em sua vida após esta

descoberta. *Rugas*, de Paco Roca, narra a história de Emílio e sua vida após descobrir que possui a doença de Alzheimer. Ambas, novamente, podem servir para o trabalho com ambas as temáticas de Ciências como forma de conferir maior humanização ao tema, além de auxiliar os alunos a lidarem melhor com as pessoas que se encontram neste contexto, que podem estar tanto dentro do ambiente escolar quanto fora dele, incluindo na própria família.

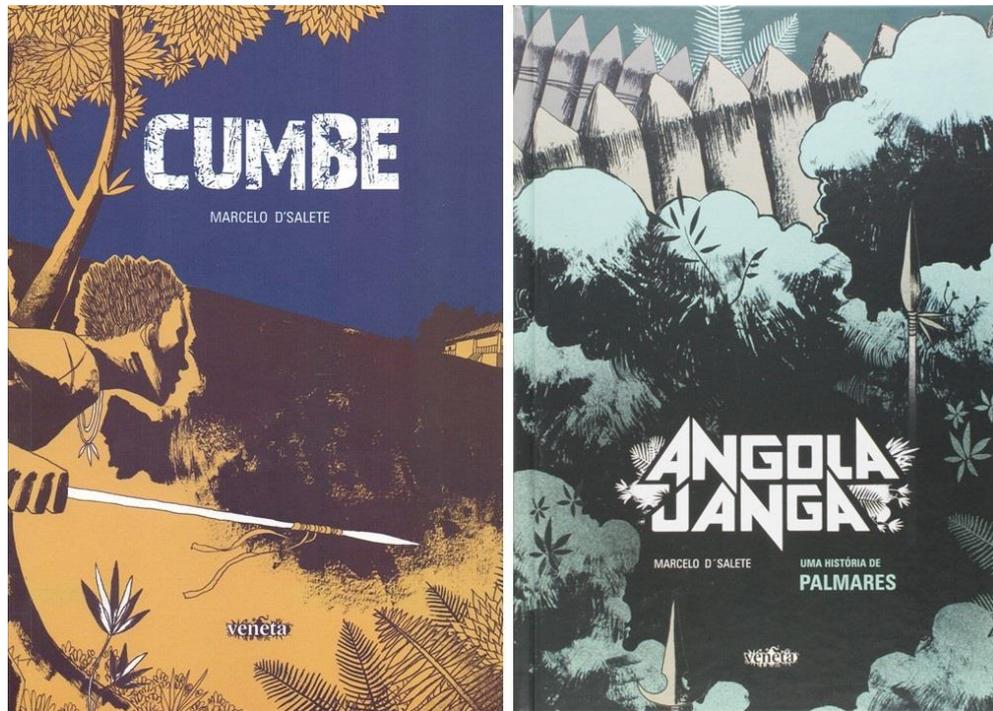
Figura 27: *A Diferença Invisível*, de Mademoiselle Caroline e Julie Dachez.



Fonte: Amazon (2018).

Cumbe, que narra a luta dos negros contra a escravidão no Brasil colonial, e *Angola Janga*, que traz a jornada de Zumbi dos Palmares, ambos de Marcelo D'Saete, podem servir como instrumentos de auxílio para a abordagem deste tema nas aulas de História, como forma de trabalhar um período marcante na história do país e dos negros fora da visão eurocêntrica deste tema, como muitas vezes é abordado por livros didáticos.

Figura 28: Cumbe e Angola Janga, de Marcelo D'Saete.



Fonte: Amazon (2018).

Persépolis, de Marjane Satrapi, se trata de uma autobiografia da autora, que narra sua vida no Irã sob o regime xiita, o qual ela viu surgir na revolução de 1979. Esta *graphic* pode se tanto utilizada para trazer uma nova luz à essa questão tanto de forma histórica quanto geográfica, a partir do ponto de vista de alguém que vivenciou aquele momento.

Uma Estrela na Escuridão, de André Bernardino, narra a história de Andor, judeu brasileiro que foi enviado para os campos de concentração de Auschwitz e sobreviveu. Do ponto de vista informacional, pode trazer uma abordagem em auxílio às aulas de História, talvez diferenciada ao se tratar dos conflitos da Alemanha nazista, ao mostrar um brasileiro vítima do holocausto que sobreviveu.

Figura 29: Persépolis, de Marjane Satrapi. Uma Estrela na Escuridão, de André Bernardino.



Fonte: Amazon (2018).

Turma da Mônica: Laços, de Vitor e Lu Cafaggi, e Chico Bento: Arvorada, de Orlandeli, são duas edições de uma série de revisitações aos famosos personagens de Maurício de Sousa, chamadas Graphics MSP. Nestes dois casos, temos duas *graphics* que tratam de temas como a amizade, relações familiares e temas do cotidiano, podendo ser trabalhadas em atividades lúdicas não relacionadas à uma área do conhecimento específica – ainda que não haja impedimento para tal - mas voltadas para o incentivo das boas relações no ambiente escolar e fora dele, e as lições que a vida pode nos trazer.

Figura 30: Turma da Mônica: Laços, de Vitor e Lu Cafaggi. Chico Bento: Arvorada, de Orlandeli.



Fonte: Amazon (2018).

3.5 GIBITECAS

A gibiteca trata-se, essencialmente, de uma unidade de informação, ou a parte de uma, destinada às histórias em quadrinhos. A primeira gibiteca brasileira surgiu no ano de 1982, em Curitiba, recebendo o nome de Gibiteca de Curitiba, e atualmente conta com mais de 25 mil títulos em seu acervo, além de desenvolver diversas atividades, como “[...] cursos, oficinas de criação, exposições, palestras, lançamentos e encontros de RPG (Role Playing Game), envolvendo o que há de melhor na produção brasileira e internacional [...]” (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA). Com o surgimento dela:

[...] cunhava-se o termo genérico para denominar qualquer biblioteca ou espaço institucionalizado que colocasse as histórias em quadrinhos como o centro de sua prática enquanto serviço de informação e que iria passar, a partir de então, a ser amplamente utilizado em todo o país. (VERGUEIRO, 2003, p. 2)

A gibiteca de uma biblioteca escolar pode compreender uma ou algumas estantes, ou até mesmo algum “cantinho” especialmente separado apenas para a fruição das histórias em quadrinhos e atividades com elas. Enquanto um espaço para o lúdico, pode se valer de ornamentações que remetam ao universo dos quadrinhos. Para Paiva (2017, p. 71):

Seja como um espaço especialmente aberto para os quadrinhos, ou parte de uma biblioteca já existente, as gibitecas estimulam o uso das HQs na escola e podem promover debates, eventos e situações que favoreçam a utilização do material existente na prática pedagógica. Com funcionamento similar ao de uma biblioteca escolar, oferecem quadrinhos para estudantes, professores e demais membros da escola. Quanto mais fácil for o acesso às HQs, maior será seu uso pedagógico.

Ainda que entendido como parte do acervo da biblioteca como um todo, a construção do acervo da gibiteca, pensado como uma parte, e com o bibliotecário compreendendo os quadrinhos como um instrumento educacional - como vêm sendo tratados ao longo desta pesquisa - deve também respeitar critérios planejados e estabelecidos de forma clara no manual de desenvolvimento e gestão de coleções.

Devem ser claramente definidos os procedimentos para desenvolver e gerir o acervo da biblioteca escolar, num documento separado ou como um apêndice ao documento de política de gestão da coleção. O manual de procedimentos deve orientar a seleção e aquisição de recursos e fornecer normas para o seu processamento e organização (catalogação, classificação, arrumação), assim como para a sua manutenção, reparação e desbaste. O manual deve incluir orientações para a obtenção de recursos que tenham sido criados tanto local como internacionalmente e que reflitam as identidades nacionais, étnicas, culturais, linguísticas e autóctones dos membros da comunidade escolar. O manual também deve fornecer orientações claras sobre a reapreciação de materiais controversos. (IFLA, 2015, p. 40).

A aquisição de quadrinhos pode se dar de diversas formas, graças às variadas possibilidades de para tal, que podem chegar ao custo zero, pois além das doações:

Pode-se comprá-los em lojas especializadas em livros e revistas usadas, os Sebos, a um custo muito mais baixo [...] Sem contar que as HQs presentes nos jornais (as tiras e outras) são de grande valor e nas escolas há sempre jornais que podem ser usados, ou seja, é possível trabalhar com HQs mesmo sem gastar nada ou quase nada. (PAIVA, 2013, p. 65).

A organização do acervo da gibiteca também pode se dar de forma diferenciada. Geralmente, em bibliotecas que usam a Classificação Decimal de Dewey, por exemplo, recorre-se à classificação 741.5 (Caricaturas, desenho animado, cômico, fotonovelas / Quadrinhos - Pista: Anedotas brasileiras). Porém, esta classificação não é bastante para cobrir todos os temas e gêneros das histórias em quadrinhos. Diante disto, em 2015, a OCLC (*Online Computer Library Center*) propôs uma discussão sobre o assunto, na qual pode-se destacar:

A classificação de histórias em quadrinhos, que foi adotada com este manual, é o que se chama de “Classificação não convencional”, ou seja, uma classificação criada e adaptada pela instituição com intuito de facilitar a organização e o acesso ao acervo. Geralmente estas classificações são criadas para cobrir uma demanda específica que as classificações convencionais, tais como CDD e CDU, não atendem. Para tanto foi fundamental a criação desta classificação própria, baseada em uma anteriormente elaborada pela Gibiteca Henfil e que vem sendo utilizada pela rede de bibliotecas do SMB. Seguindo este manual, na seção de classificação e indexação, as histórias em quadrinhos podem ser divididas em cinco partes: ficção, não-ficção, obras teóricas, cartuns e coletâneas. (ABDUL, 2012, p. 8)

Quadro 3: Classificação de gêneros ficcionais de HQs

Histórias em Quadrinhos – Gêneros Ficcionais	
Classif.	Entrada do assunto principal + Vocabulário Controlado (se necessário)
QA	Aventuras - Histórias em quadrinhos
QE	Histórias em quadrinhos eróticas - [Inclui-se o <i>Hentai</i> (Mangá erótico) e adaptações da literatura erótica em quadrinhos]
QH	Humor - Histórias em quadrinhos
QI	Histórias em quadrinhos para crianças
QL	Para <i>Graphic Novels</i> usar “Romance em quadrinhos” / Para obras adaptadas para HQs usar “Adaptação para história em quadrinhos”
QT	Terror – Histórias em Quadrinhos
QU	<i>Underground</i> - Histórias em quadrinhos
QM	Mangás (Inclui Biografia, Autobiografia, <i>Angura</i> (Mangá <i>underground</i>) e Não ficções). De acordo com o traço e o autor

Fonte: ABDUL (2012, p. 8).

O autor também apresenta a tabela de vocabulário controlado de gêneros ficcionais utilizada.

Sendo o foco principal de seu artigo, Abdul demonstra também como se dá o sistema de catalogação da gibiteca, a saber, em caráter introdutório: “a catalogação dos álbuns de HQ, objeto desta metodologia, tem por referência o capítulo 2 do AACR2, que abrange livros, folhetos e folhas soltas impressas [...]” (ABDUL, 2012, p. 11).

Porém, pensar no processamento técnico adequado para as histórias em quadrinhos e a construção do acervo de uma gibiteca não é o suficiente caso não haja preocupação por parte do bibliotecário em atribuir um real valor a ela. Vergueiro (2003, p. 3) atenta para o mal-uso das gibitecas:

[...] Infelizmente, nas mãos de alguns bibliotecários, uma gibiteca, ao invés de um organismo dinâmico e atuante, transforma-se em um simples acervo

de revistas em quadrinhos que placidamente repousa nas estantes, avidamente protegido por esses profissionais... à espera de uma utilização que, frequentemente, é menor do que ele mereceria.

O autor também enumera ainda algumas situações que podem vir a ocorrer com as gibitecas e histórias em quadrinhos e que considera como “‘tratamento’ diferenciado, discriminatório mesmo, em relação a outros materiais”, a saber:

- eles não são incorporados de forma definitiva ao acervo, sendo encarados como material totalmente descartável, não merecedor de qualquer iniciativa visando a sua preservação e conservação;
- enfrentam total despreocupação com o estabelecimento de critérios objetivos para sua seleção, todos os produtos quadrinhísticos sendo considerados essencialmente iguais entre si pelos bibliotecários;
- são objeto de excessivas restrições financeiras para sua aquisição em base regular, a eles não se destinando qualquer verba para compra de revistas ou álbuns de quadrinhos e sendo considerados como alternativa para o acervo apenas quando oferecidos em doação, sem ônus institucional direto (em geral, muitos bibliotecários aplicam às histórias em quadrinhos a velha máxima: "de graça, até injeção na testa"...);
- os quadrinhos são destinados apenas para uso de categorias específicas de usuários, como crianças ou estudantes de primeiro e segundo graus; alguns funcionários de biblioteca assumem até mesmo uma atitude desdenhosa quando algum adulto se interessa por revistas em quadrinhos;
- utilização das histórias em quadrinhos como chamariz para a leitura de livros, classificadas como uma espécie de concessão dos profissionais do livro (os bibliotecários) a uma leitura menos nobre (os gibis). (VERGUEIRO, 2003, p. 2).

Apesar disso, cabe saber que muitos bibliotecários valorizam o acervo de histórias em quadrinhos e produzem numerosas atividades com as mesmas junto ao corpo escolar. Com isso em vista, é sempre importante se ter em mente que por elas serem um veículo em si, também demandam estudos específicos, para que sua compreensão e uso ocorram da forma adequada e tenham um alto aproveitamento e ganho. Vergueiro (2003, p. 4), sobre isso, diz que:

[...] para atingir o objetivo de colaborar efetivamente para a disseminação e divulgação das histórias em quadrinhos no país por meio da atuação das gibitecas, é necessário aos bibliotecários e a todos os funcionários dessas instituições - principalmente aqueles que trabalham diretamente no atendimento ao público -, conhecer a fundo tanto as características do meio de comunicação de massa como do próprio leitor de quadrinhos. Só a partir desse conhecimento é que será possível a esses profissionais realizar de maneira adequada toda a gama de atividades que envolvem a seleção, coleta, aquisição, tratamento, disseminação e preservação de histórias em quadrinhos. Nesse sentido, parece evidente que compreender e dominar com suficiente independência os diversos veículos em que os quadrinhos estão disponíveis, os gêneros em que são publicados e o tipo de leitor que

costumam atrair é um requisito indispensável para todos aqueles profissionais que pretendam dedicar-se ao trabalho de documentação nessa área. Ou, em outras palavras, para aqueles que acreditam que as histórias em quadrinhos merecem o mesmo nível de qualidade de serviço dispensado a quaisquer outros materiais presentes nos acervos das bibliotecas.

As gibitecas devem ser um lugar vivo e seu uso deve ser incentivado pelo bibliotecário, sendo ele próprio um destes utilizadores, pois somente assim ela poderá cumprir com seu real papel, que vai além de apenas mais um elemento que compõe o acervo da biblioteca escolar, tornando-se um espaço de importância, onde serão proporcionados conhecimentos, lazer e vivências para quem dela se beneficie.

4 RESULTADO DAS ENTREVISTAS

Nesta seção serão abordados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com o bibliotecário escolar A através de entrevista *in loco*, e o bibliotecário B através de questionário elaborado via Google Forms e encaminhado por e-mail. Foram considerados como relevantes os aspectos que norteiam esta pesquisa, visando corroborar a afirmação de que é possível trabalhar as histórias em quadrinhos em bibliotecas escolares de diversas maneiras para fins de educacionais.

4.1 A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA A

O bibliotecário A inicia a entrevista contando sobre a iniciativa da bibliotecária anterior a ele, que promoveu uma forte ação para a inserção das histórias em quadrinhos no acervo da biblioteca. “Ela sempre teve esse pensamento de trazer a história em quadrinho [...] sempre teve a ideia de colocar o quadrinho como a porta (de entrada) da biblioteca” (BIBLIOTECÁRIO A, 2018).

Ao entrar na biblioteca da escola, a primeira estante a qual se vê de fato é a de histórias em quadrinhos, isso porque:

Muitos alunos que vêm para (escola) vêm de um colégio que não tem biblioteca, não têm o hábito de leitura, não tem o incentivo de leitura, e o gibi é uma leitura de mais fácil acesso, até pelo custo, periodicidade, divulgação, e o aluno já tem mais prazer (em ler), ele já teve algum contato, então é muito mais fácil o aluno se sentir atraído pela leitura através da história em quadrinhos. Então a (bibliotecária) sempre defendeu isso, de que a história em quadrinho é o começo para que esse aluno tenha acesso a outros tipos de literatura. (BIBLIOTECÁRIO A, 2018).

Neste caso, pode-se observar sendo trabalhada a ideia de que o quadrinho é uma ferramenta ideal para a inserção do aluno no universo da leitura e da literatura, justamente pelas HQs conterem diversos elementos lúdicos capazes de atrair mais a atenção de jovens e adolescentes, se valendo ainda da grande divulgação midiática promovida pelos filmes, animações, jogos etc. “Muitos se encantam principalmente pelos gibis, e aí conforme o tempo vai passando, eles vão passando de série, vão adquirindo mais maturidade, e através do gibis eles vão conhecendo outras literaturas”, explica o bibliotecário A, ao citar que este foi o principal argumento utilizado pela bibliotecária para conseguir a inserção dos gibis na biblioteca da escola, conseguindo um espaço específico apenas para quadrinhos, e complementa dizendo que “deu muito certo e continua dando muito certo”. Para Santos e Ganzarolli (2011, p. 67):

As HQ apresentam uma grande facilidade para que as crianças, em fase de alfabetização e início de escolarização, se interessem pela leitura e com ela se estimulem. Para a formação de leitores, é importante que se tenha contato com diferentes objetos de leitura e que estes tenham conteúdos de qualidade, capacitando gradativamente o pequeno leitor para exercer leituras mais complexas.

Ele ainda informa que:

“Ela (a bibliotecária) não lia as revistas, ela mantinha porque tinha a plena convicção de que os gibis eram importantes, e a gente também via isso até pela leitura dos alunos, que tem o hábito de ler gibi, então a gente via o quanto que era importante [...] ela via o aluno ingressar - muitos não têm o hábito da leitura - viam o gibi e se encantavam” (BIBLIOTECÁRIO A, 2018).

Os maiores consulentes são alunos do 6º ao 7º ano do ensino fundamental, sendo relatada uma considerável queda das consultas por quadrinhos nos anos posteriores.

As aquisições para o acervo se deram por meios de assinaturas de revistas da Turma da Mônica e Turma da Mônica Jovem ao longo de um período e também doações, mas outros títulos como os da Disney, são exclusivamente doações, assim como os mangás e super-heróis. No momento da entrevista não foi possível se obter a quantidade de quadrinhos no acervo, que no tocante às HQs é composto por publicações com conteúdos voltados para o público infanto-juvenil.

A organização do acervo se dá pela separação dos “tipos de quadrinhos”, de modo que mangás, gibis da Turma da Mônica, Disney e super-heróis fiquem agrupados separadamente na estante. A ordenação das revistas seriadas dentro destes agrupamentos é feita pelo título e numeração da publicação. As edições de luxo, ou *graphic novels* recebem um tratamento técnico à parte, sendo classificadas pela numeração 741.5, histórias em quadrinhos, da CDD. Quanto à seleção das HQs, os critérios levam em conta a faixa etária dos alunos e o conteúdo do material, sendo que os bibliotecários têm autonomia nesse processo, ocorrendo também com participação dos professores nas indicações.

4.2 A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA B

O bibliotecário B revela que sua experiência com as histórias em quadrinhos ao longo da vida foram fatores que influenciaram na inserção deste material na biblioteca na qual atua. “Desde a infância tive o contato com as histórias em quadrinhos. Lembro que adorava usar as fantasias de super-heróis. O contato e o prazer pela leitura de HQs foram um facilitador para

inserir-los na biblioteca que chefiar e também para dialogar com os usuários que frequentam este espaço”.

Neste caso, pode-se retomar a ideia de que um bibliotecário que tem contato e conhece bem as histórias em quadrinhos tem maiores chances de utilizá-las de forma a extrair plenamente seu potencial informativo e educacional. “O que mais atrai é a arte gráfica e o contexto social” (BIBLIOTECÁRIO B, 2018).

O acervo desta biblioteca conta com um total de 519 histórias em quadrinhos, classificadas na 741.5 da CDD, e possui uma seção própria incluindo um expositor de HQs. Ele é composto de doações, comportando publicações de todos os gêneros, com exceção daquelas que contenham conteúdo erótico e linguagem vulgar. Quanto ao acesso, o bibliotecário B explica que:

Muitos alunos têm acesso aos quadrinhos impressos que estão no acervo e opinam sobre o item por meio da ficha que está disponível no bolso de empréstimo de cada exemplar. Eles também têm acesso aos quadrinhos disponíveis na internet. Nestes casos, não temos informações sobre a opinião dos usuários.

Quanto ao empréstimo, o bibliotecário B explica que ele é feito diariamente, ao passo em que muitos alunos fazem a leitura dos quadrinhos na própria biblioteca, sendo as solicitações de aquisição vindo com mais frequência da parte deles. “Os quadrinhos têm aproximado os alunos, principalmente os do 1º ano, para a biblioteca. Muitos discentes não acreditam que uma biblioteca escolar possua estes suportes em grande quantidade no acervo e fazem a inscrição para empréstimo destes itens”, diz.

Sobre a utilização dos quadrinhos em sala de aula por parte dos professores, o bibliotecário B diz não ter informações sobre, mas explica, em relação ao currículo, que acreditam “que devem estar presentes ao currículo do colégio, mas não temos, até o momento, nenhuma informação sobre a inserção das histórias em quadrinhos”. Esse fator pode ser um elemento indicativo de que ações desenvolvidas junto aos docentes utilizando os quadrinhos, sob a ótica do letramento informacional, podem mudar esse cenário e trazer uma nova visão dos mesmos para a utilização desta mídia também em sala de aula.

A leitura e empréstimos diários, assim como as solicitações por parte dos alunos, pode ser um indicativo de que a massificação dos conteúdos baseados em histórias em quadrinhos torna este momento o ideal para se trabalhar temas transversais se utilizando desta mídia, visto que estes mesmos estudantes estão sendo frequentemente estimulados por filmes e jogos baseados em HQs.

As histórias em quadrinhos podem ser trabalhadas em diversos aspectos. Tanto em sala de aula quanto em bibliotecas escolares. Aqui (escola), dinamizamos os quadrinhos com o seu contexto social e histórico. Temos como exemplo o HQ "Black Force". Este foi divulgado na Semana da Consciência Negra do ano de 2017. Organizamos em 2016 a exposição intitulada "O livro além das páginas" e disponibilizamos a história dos quadrinhos e Graphic Novels na exposição. Criamos também uma teia de aranha (com o uso de barbante) entre as estantes da seção sobre HQs para que os alunos associassem com o Homem Aranha nesta exposição. (BIBLIOTECÁRIO B, 2018)

A seguir, serão relatadas as duas atividades ocorridas dentro do espaço da biblioteca B e que envolveram as histórias em quadrinhos no seu desenvolvimento.

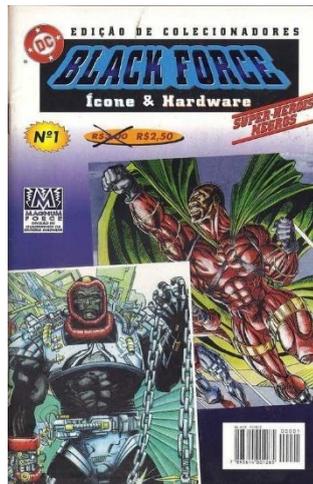
4.2.1 Dinâmica com a HQ Black Force

Sobre a utilização de quadrinhos para a dinâmica ocorrida na Semana da Consciência Negra, o bibliotecário B explica que:

Acreditamos que os quadrinhos têm grande relevância na ampliação da visão de mundo e na formação de cidadãos críticos. Por isso, utilizamos este suporte nas atividades culturais promovidas pela biblioteca. Procuramos, na semana da Consciência Negra, relacionar o acervo da biblioteca com uma perspectiva que fosse além da escravidão. Assim, o quadrinho Black Force foi escolhido para compor este projeto de ação cultural.

O quadrinho Black Force foi publicado no Brasil pela editora Magnum Force em 1997, trazendo as histórias lançadas pela Milestone Media, criada em 1992 por Dwayne McDuffie, Denys Cowan, Michael Davis e Derek T. Dingle, com o objetivo de trazer maior visibilidade aos artistas e personagens negros no mercado dos quadrinhos, ainda atualmente composto majoritariamente por artistas e personagens brancos.

Figura 32: Capa da edição nacional da revista Black Force.



Fonte: Google Imagens (2018).

O público alvo da dinâmica, que ocorreu no espaço da própria biblioteca e teve duração de sete dias, foram os alunos do ensino médio da instituição, docentes, servidores e terceirizados, além de alunos visitantes da Universidade Federal Fluminense, contando com uma estimativa de 230 participantes. Segundo o bibliotecário B, “as atividades elaboradas e implementadas pela equipe da biblioteca são feitas em parceria com os alunos”, e a proposta da atividade consistia em:

Promover a leitura por meio de exposição. O objetivo era contextualizar os itens do acervo com a representatividade negra. O quadrinho Black Force compôs a atividade cultural com outros livros e dvds intitulados: Na minha pele, Úrsula, Rosa Parks: não à discriminação racial, Selma, João Cândido etc.

Nesta atividade é possível observar a utilização otimizada das histórias em quadrinhos, extraindo delas seu potencial e trabalhando questões da realidade através dos elementos lúdicos das HQs, trazendo uma nova forma de abordar temas de suma importância que sejam debatidos no ambiente escolar, dentro ou fora da biblioteca, trazendo assim resultados observáveis:

O retorno foi positivo, os suportes expostos na exposição tiveram um aumento no número de empréstimos entre os discentes. (Comprovado por meio de estatísticas de empréstimo e opinião dos alunos no “Gostou do livro? Dê a sua opinião”). (Bibliotecário B).

E também trazendo maior compreensão para a importância da promoção e participação de atividades no ambiente da biblioteca escolar:

A equipe organizadora e o público presente entendem a importância destas atividades culturais nas bibliotecas escolares. Para que a biblioteca seja um "espaço vivo" é necessário ir além do somente emprestar livros passivamente.

4.2.2 Exposição “O Livro Além das Páginas”

Sobre a proposta da exposição, ocorrida no espaço da própria biblioteca e com duração de nove dias, o bibliotecário B explica que:

A iniciativa reuniu obras literárias e históricas de grande relevância artística, cultural e intelectual, que fazem parte do acervo da biblioteca. Tais obras tiveram tamanho impacto na propagação de ideias que serviram de inspiração para outras expressões artísticas, como: música, teatro, cinema, novelas e séries. A exposição foi composta por seções que abordam temáticas como: Censura; Cidadãos críticos; Registrar para não esquecer; Ganhando os palcos; Na TV; Em cartaz na sétima arte; Livros cantados; Heróis que saíram dos quadrados; Dos livros para os quadrinhos; A literatura em cordas; Jogos eletrônicos e literatura.

Novamente, destaca-se a relevância dos quadrinhos em meio à temas de grande interesse, mostrando ser possível se trabalhar com esta mídia em conjunto com outros suportes e veículos de comunicação, como mostra a seção “Heróis que saíram dos quadrados”. O bibliotecário B diz que o objetivo da exposição “foi aproximar estes itens (HQs e *Graphic Novels*) do público que não tinha o hábito da leitura. Descrever a sua relevância e pertinência em diversos contextos: históricos, sociais, como fonte de inspiração para filmes etc”. A exposição foi relatada em um artigo publicado na Revista Conhecimento em Ação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa gráfica sequencial está presente na humanidade desde o tempo das cavernas, sendo hoje encontrada como um “presente” dos dias de nossos antepassados através de pinturas rupestres registradas em rochas e paredes, hieróglifos e diversas outras variedades de registros de comunicação pictórica.

Sendo assim, é possível compreender os quadrinhos como um meio que acompanhou o homem através da história de seu desenvolvimento comunicacional, ainda que até então este conceito sequer fosse imaginado. Desta forma, é possível entender as HQs modernas como uma consequência natural da evolução da comunicação humana, sendo um resultado intrínseco entre o desenvolvimento da arte e o anseio por registrar, comunicar e informar.

Nesta pesquisa, observou-se que como tal instrumento, as histórias em quadrinhos narram também a história da humanidade, gravando em suas páginas os grandes acontecimentos de nosso tempo, o conhecimento gerado ao longo de séculos e questões do nosso cotidiano, refletidas em histórias aparentemente desprezíveis de super-heróis, relatos jornalísticos, biográficos, críticos, dentre tantas outras formas e formatos de manifestação.

Através do levantamento bibliográfico foi possível atestar a relevância educacional dos quadrinhos, mediante a atestação da presença de conteúdos relevantes em suas páginas para a criação de debates, reflexões e complementação às aulas de diversas áreas do conhecimento, podendo possibilitar um olhar diferenciado sobre diversas temáticas pertinentes ao saber e o fazer humano e social.

Considerando desta forma, demonstrou-se a importância do envolvimento da biblioteca e do bibliotecário escolar nesse processo, não apenas como um meio de fornecer estes materiais, mas também de trabalhá-los. Para tal, é preciso que o profissional tenha se apropriado devidamente dos quadrinhos enquanto um veículo de comunicação de massa, sendo necessário um estudo aprofundado desta mídia como forma de compreendê-la em todas as suas nuances e melhor selecioná-la, tratá-la tecnicamente e empregar seu uso visando o maior aproveitamento possível de seu conteúdo.

A biblioteca escolar foi apresentada não apenas como um local onde se é possível encontrar quadrinhos e acessá-los de forma esporádica e puramente recreativa, mas sim como um lugar onde bibliotecário, professores e alunos podem usá-los de forma planejada e voltada para o desenvolvimento crítico e cognitivo do estudante.

Longe de ser papel apenas do professor, o bibliotecário escolar também foi mostrado com um agente educador. Tendo o Letramento Informacional como parte de seu exercício

profissional, o bibliotecário pode, com os quadrinhos, desenvolver atividades e projetos para além de apenas a formação do leitor, mas sim voltados para o desenvolvimento de competências para a informação, estimulação o pensamento crítico e do aprender a aprender, pois esta mídia é permeada por assuntos pertinentes ao ambiente escolar e social, apresentados de formas lúdicas e em muitos aspectos acessíveis, podendo ser adquirida de muitas maneiras fora do ambiente escolar, viabilizando um exercício de leitura e informação ao longo da vida.

O licenciado em Biblioteconomia surge como um agente de importância nesse processo, pois sua formação, ao unir os saberes biblioteconômicos e pedagógicos, o torna capacitado por excelência a desenvolver atividades voltadas para o Letramento Informacional. Porém não sendo um caso diferente do bacharel, é preciso estudar os quadrinhos enquanto mídia e instrumento para a educação. Pode promover atividades em conjunto com professores, bibliotecários ou de forma independente dentro de bibliotecas escolares e salas de aula.

Para tal, demonstrou-se que se faz necessário uma ação maior do que apenas disponibilizar os quadrinhos em estantes. É preciso pensá-los como uma parte em expansão da coleção, é necessário selecioná-los, classificá-los, catalogá-los e então disponibilizá-los, e para este fim, a pesquisa demonstrou que existem meios de se desenvolver um tratamento técnico específico para este formato, pensado de acordo com as particularidades e planejamento de cada acervo. Sendo possível receber um tratamento igual ao dos livros, mostrou-se possível também criar uma “biblioteca de quadrinhos” dentro da biblioteca escolar, ou seja, uma gibiteca, um espaço designado especificamente para esta mídia, que funcione sob seus próprios sistemas. Um ambiente onde o lúdico é lugar comum.

As entrevistas tiveram como objetivo primário demonstrar que estas ações já são uma realidade em algumas bibliotecas, apresentando um cenário que vai desde à introdução ao mundo da leitura e da literatura, até o desenvolvimento de atividades que trabalham questões sociais de extrema importância e de grande dimensão para a proposta de debates e o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, sendo assim atividades para o letramento informacional. Os resultados positivos foram relatados pelos próprios bibliotecários escolares, que por sua vez observaram um maior aumento no interesse pela leitura, na utilização do acervo e envolvimento na participação das atividades desenvolvidas dentro da biblioteca.

Porém, as entrevistas também demonstraram que as iniciativas de inserção e trabalho com as HQs partiram unicamente dos indivíduos com elas envolvidos, não sendo identificado

um caráter estrutural tanto da parte da escola quanto da própria biblioteca, o que demonstra que, caso não fossem eles, estas práticas talvez não fossem desenvolvidas.

Isto evidencia que mais estudos sobre histórias em quadrinhos na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação se fazem necessários, para que a compreensão desta mídia enquanto um veículo de comunicação de massa, instrumento para informação, letramento informacional e educação possa acontecer, de modo que seu lugar na biblioteca não seja um espaço ignorado por bibliotecários e usuários.

Esta pesquisa teve como finalidade demonstrar as possíveis relações entre bibliotecas e bibliotecários escolares com as histórias em quadrinhos, e como o corpo escolar pode se beneficiar disto, e para isto foi apresentado não apenas o longo histórico deste meio na história da comunicação humana, mas também sua intrínseca relação com a educação e o letramento informacional, além de indicar que também merece tratamentos técnicos tão elaborados quanto os livros, sendo instrumentos ideais para desenvolvimento de projetos e atividades educacionais envolvendo alunos e professores no ambiente da biblioteca escolar, ou, caso seja aplicável, gibiteca escolar.

Conclui-se então, através do referencial teórico, que a efetiva relação entre histórias em quadrinhos, bibliotecários e bibliotecas escolares é mais do que viável e deve ser pensada e estimulada, entretanto sendo necessária uma maior compreensão de que esta mídia não se encontra apenas no campo do entretenimento, mas também no do informacional e educacional. Contudo, se fazem necessários mais estudos por parte do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre como estas possíveis relações se dão através da ótica destas áreas, como forma de construir um pensamento técnico e profissional voltadas para seus fazeres.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Hugo Leonardo. Catalogação de histórias em quadrinhos: uma metodologia de trabalho. In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 1., 2012, Rio de Janeiro. ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO, 3., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012. 14 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/109278898/Catalogacao-de-Historias-em-Quadrinhos-uma-metodologia-de-trabalho>> Acesso em: 10 mai. 2018.
- ALVES, José Moisés. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 21, n. 3, set. 2001. 6 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300002>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- ANDRADE, Douglas Felipe de. A construção da identidade do licenciado em Biblioteconomia. **Rebecin**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.81-104, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/40>>. Acesso em: 06 mai. 2018.
- BARI, V. A.; VERGUEIRO, W. Biblioteca escolar, leitura e histórias em quadrinhos: uma relação que se consolida. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. A responsabilidade social da ciência da informação: X ENANCIB. **Anais...** João Pessoa: Ideia, v. 1. p. 741-752, 2009. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2210/1/JLON18092017.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- BATTAGGION, Victor. Capitão América vai à guerra. **História viva: grandes temas**, São Paulo, n. 52, p. 20-25, out. 2014.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p.68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 05 mar. 2018.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 mai. 2018.
- BRASIL. **Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.
- BRASIL. **Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais (PCN+): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais 1ª a 4ª séries: arte.** Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais 1ª a 4ª séries: língua portuguesa.** Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais 5ª a 8ª séries: arte.** Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais 5ª a 8ª séries: língua portuguesa.** Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

CARDOSO, José Arlei; DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. Webcomic e hiperleitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. 2015, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ, UFRJ. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/8067>> Acesso em: 06 abr. 2018.

CARVALHO, Adriana Cintra de; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2004, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre, RS, PUC do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15600154-Os-quadrinhos-e-uma-proposta-de-ensino-de-leitura-1.html>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

COMIC BOOK LEGAL DEFENSE FUND. **The Comics Code of 1954.** Óregon: Comic Book Legal Defense Fund, 2018. Não paginado. Disponível em: <<http://cbldef.org/the-comics-code-of-1954/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

D'ANGELO, Helô. **Mulher-Maravilha: uma biografia não autorizada.** São Paulo: Super Interessante, 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/mulher-maravilha-uma-biografia-nao-autorizada/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

DONZELLI, Xavier. Censura: o mais perigoso dos supervilões. **História viva: grandes temas,** São Paulo, n. 52, p. 54-57, out. 2014.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.,** Brasília, v. 3, n. 1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. 154 p.

FONSECA, Ane; SPUDEIT, Daniela. O trabalho cooperativo entre bibliotecários e professores para o desenvolvimento da competência em informação: criação de um programa voltado para alunos do ensino médio. **Bibl. Esc. em R,** Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p.36-63, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/112482>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

FRADE, Renan Martins. **O preconceito, Martin Luther King, Malcolm X e os X-Men.** 2014. Disponível em: <<http://judaio.com.br/o-preconceito-martin-luther-king-malcolm-x-e-os-x-men/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Gibiteca de Curitiba.** Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/gibiteca-de-curitiba/>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

GABILLIET, Jean-Paul. Batman na luta contra o crime. **História viva: grandes temas**, São Paulo, n. 52, p. 26-29, out. 2014.

GAIARSA, José Ângelo. Desde a pré-história até McLuhan. In: MOYA, Álvaro de (Org.). **Shazam.** 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 115-120.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 39, n. 3, p.83-92, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652010000300007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 mar. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. 200 p.

GIOL, Charles. X-Men: a genética em ação. **História viva: grandes temas**, São Paulo, n. 52, p. 42-47, out. 2014.

HARTER, Hélène. Superman: o salvador da América. **História viva: grandes temas**, São Paulo, n. 52, p. 14-19, out. 2014.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar.** Tradução de: Rede de Bibliotecas Escolares, Portugal. 2016. 80 p. Disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1853/guide_lines_2016.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2018.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar.** Tradução Neusa Dias de Macedo. 4 p. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

KAUFFER, Rémi. Homem de Ferro de olho nos vermelhos. **História viva: grandes temas**, São Paulo, n. 52, p. 36-41, out. 2014.

LUYTEN, Sônia Maria Bibe. **Mangá e animê: ícones da cultura pop japonesa.** São Paulo: Japan Foundation, 2014. Não paginado. Disponível em: <http://fjosp.org.br/artigo/manga_anime_sonia_luyten/>. Acesso em: 06 abr. 2018.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** São Paulo: Makron Books, 1995. 215 p.

MOYA, Álvaro de. Era uma vez um menino amarelo. In: MOYA, Álvaro de (Org.). **Shazam.** 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 15-96.

MOYA, Álvaro de; OLIVEIRA, Reinaldo de. História (dos quadrinhos) no Brasil. In: MOYA, Álvaro de (Org.). **Shazam**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 197-236.

MOYA, Álvaro de. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&pm Editores, 1986. 231 p.

NOGUEIRA, Natania A. S. Gibiteca: ensino, criatividade e integração escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCARE – SABERES DOCENTES, 7., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2007. p.174-186. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/12794383/Gibiteca-ensino-criatividade-e-integracao-escolar>> Acesso em: 06 abr. 2018.

OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azeredo; Nóbrega, Nanci Gonçalves da. Conhecer para mediar: investigação sobre as pesquisas com quadrinhos em Biblioteconomia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: UFSC, 2013. 6 p. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000013830/dc2ee2c486a4ed13c3a182617b970d20>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER. **Graphic novels in DDC**: discussion paper. Ohio: Online Computer Library Center, 2014. Não paginado. Disponível em: <https://www.oclc.org/content/dam/oclc/dewey/discussion/papers/graphic_novels.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.

PAIVA, Fábio da Silva. **Educação e violência nas histórias em quadrinhos de Batman**. Salvador: Quadro A Quadro, 2017. 136 p.

PAIVA, Fábio. **Histórias em quadrinhos na educação**. Salvador: Quadro a Quadro, 2017. 123 p.

PAJEÚ, Hélio Márcio et al. Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, p.1-10, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1920>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho acadêmico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013. 276 p. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book Metodologia do Trabalho Cientifico.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

RAMOS, Paulo (Org.); VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 224 p.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009. 157 p.

SANTOS, Mariana Oliveira dos. Formação de leitores: um estudo sobre as histórias em quadrinhos. **Revista Acb**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 15, n. 2, p.05-

23, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/765>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **Transinformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p.63-75, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862011000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações das histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 1, n. 22, p.46-51, set./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SANTOS, Roberto Elísio dos.; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 27, p. 81-95, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.uscs.edu.br/handle/123456789/244>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SILVA, Antonia Livaneide; AUTRAN, Marynice de Medeiros Matos. Histórias em quadrinhos: percepção e leitura dos alunos do ensino fundamental. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, jan. 2007. 16 p. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1912>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

VEILLE, Simon. Hulk: uma vítima da era atômica. **História viva: grandes temas**, São Paulo, n. 52, p. 30-35, out. 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. **As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Ofaj, 2003. Não paginado. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=138>. Acesso em: 6 abr. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero**, v. 6, n. 2, p. A04-00, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1585>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos, bibliotecas e bibliotecários: uma relação de amor e ódio**. São Paulo: Ofaj, 2003. Não paginado. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=137>. Acesso em: 6 abr. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Os leitores de histórias em quadrinhos: diversidades e Idiossincrasias**. São Paulo: Ofaj, 2003. Não paginado. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=141>. Acesso em: 6 abr. 2018.

WEITZEL, Simone da Rocha; CALIL JUNIOR, Alberto; ACHILLES, Daniele. Revisão e reflexões letramento informacional nas escolas: o papel do licenciado em Biblioteconomia. **Rev. Interam. Bibliot. Medellín**, Colombia, v. 38, n. 3, p.212-225, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179041147006>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

APÊNDICE A – MODELO DA ENTREVISTA APLICADA AOS BIBLIOTECÁRIOS ENTREVISTADOS

Acerca da relação pessoal com as histórias em quadrinhos

- Conte um pouco sobre a sua relação com as histórias em quadrinhos.
- Caso seja ou tenha sido leitor de quadrinhos, conte sobre os gêneros ou assuntos de sua preferência e o que lhe atrai neles.
- Caso teve ou tenha, conte sobre seu quadrinho favorito.
- Discorra sua opinião sobre o valor educativo das histórias em quadrinhos.

Acerca do acervo e tratamento técnico

- Quantas histórias em quadrinhos constam atualmente no acervo da biblioteca na qual trabalha?
- De quais agentes vem as solicitações para aquisição de histórias em quadrinhos (professores, alunos, bibliotecário(a)s, outros)? Existe algum gênero ou assunto com maior demanda?
- De quais fornecedores são adquiridas as histórias em quadrinhos (editoras, livrarias, doações, outros)? Em caso de doações, como é feita a seleção das histórias em quadrinhos que ficarão disponíveis no acervo?
- Existe um sistema de classificação específico para as histórias em quadrinhos? Em caso de haver, qual é o utilizado? Caso não haja, como elas são organizadas?
- Existe na biblioteca uma seção específica para histórias em quadrinhos?
- Quais os gêneros/assuntos das histórias em quadrinhos presentes no acervo da biblioteca?
- As histórias em quadrinhos disponíveis no acervo devem atender ao currículo do colégio? Quais os cuidados tomados, em relação ao conteúdo, no momento de adquirir e disponibilizar este material aos usuários?

Acerca da utilização das histórias em quadrinhos

- É permitido o empréstimo de quadrinhos? Com que frequência alunos e professores o fazem?
- Conte um pouco sobre a utilização das histórias em quadrinhos pelos alunos.
- Conte um pouco sobre a utilização das histórias em quadrinhos pelos professores.
- As histórias em quadrinhos da biblioteca são utilizadas em atividades didático-pedagógicas em sala de aula?
- A biblioteca desenvolve, em conjunto ou não com os professores, atividades com histórias em quadrinhos ou relacionadas a elas? Se sim, conte um pouco sobre.

APÊNDICE B – MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO BIBLIOTECÁRIO B EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES APLICADAS NA BIBLIOTECA

Acerca da dinâmica com o quadrinho Black Force

- Discorra sobre os motivos que levaram a escolha deste quadrinho para a atividade.
- Qual foi o público alvo da atividade (série, idade, etc.)?
- Quantos participantes estavam presentes (estimativa)?
- Discorra sobre a proposta da atividade.
- Em que espaço se deu a atividade?
- Quais foram os métodos/técnicas/recursos utilizados para a realização da atividade? Por quê?
- Quanto tempo durou a atividade?
- Discorra sobre o envolvimento dos participantes com a atividade.
- Discorra sobre o feedback dos participantes em relação à atividade.
- A atividade alcançou o objetivo proposto? Houveram resultados observáveis por parte dos participantes? Discorra.

Acerca da exposição O Livro Além das Páginas

- Discorra sobre a proposta da exposição.
- Discorra sobre o que motivou a envolver os quadrinhos com a exposição.
- Houve a seleção de quadrinhos específicos para a exposição? Se sim, quais e por quê?
- Discorra sobre o que foi explorado acerca dos quadrinhos na exposição.
- Em que espaço se deu a exposição?
- Quanto tempo durou a exposição?
- Discorra sobre o envolvimento dos participantes com a exposição, em especial com a abordagem dos quadrinhos.
- Houveram feedbacks sobre a abordagem dos quadrinhos na exposição? Se sim, discorra sobre eles.
- A exposição alcançou o objetivo proposto? Houveram resultados observáveis por parte dos participantes? Discorra.